



República de Angola

\*

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO DA HUÍLA  
ISCED – HUÍLA

## **NEOLOGISMOS NO PORTUGUÊS EM ANGOLA**

Constatação em obras literárias e contributo para o seu tratamento nas aulas  
de Língua Portuguesa

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Autor: **MIGUEL JORGE CHIMUCO**

*Lubango, 2024*



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO  
ISCED – HUÍLA

## **NEOLOGISMOS NO PORTUGUÊS EM ANGOLA**

Constatação em obras literárias e contributo para o seu tratamento nas aulas  
de Língua Portuguesa

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Autor: **MIGUEL JORGE CHIMUCO**

Orientador: **Prof. Doutor Paulino Soma Adriano**

*Lubango, 2024*

## DEDICATÓRIA

Ao mano Lito (Jorge Evaristo Chimuco), por insistir para que eu me inscrevesse no Curso de Mestrado.

Descanse em paz, meu irmão!

## AGRADECIMENTOS

À Stela, minha esposa, e ao Júnior, meu filho, pelo suporte;

À minha mãe, Maria Kwayela, pelo desejo de nos ver formados;

Aos meus irmãos e sobrinhos, pelo encorajamento;

Ao Professor Doutor Paulino Soma Adriano, pela sábia orientação e paciência;

Aos meus professores do Curso de Mestrado em Ensino da Língua Portuguesa, pelos grandes ensinamentos;

Aos professores da Escola de Formação de Professores “Comandante Liberdade” do Lubango, pela colaboração;

A todos que directa e indirectamente deram uma parte de si para a concretização deste trabalho.

*Muito obrigado!*

## RESUMO

Esta dissertação teve como objecto de estudo os neologismos no português em Angola, visando constatar neologismos em obras literárias e contribuir para o seu tratamento, concretamente na identificação de neologismos em obras literárias angolanas e na apresentação de uma proposta para o seu tratamento nas aulas de Língua Portuguesa. Outrossim, considerou-se como base para o *corpus* obras literárias angolanas, sem deixar de parte o inquérito por questionários aos professores da 11ª classe do curso de Língua Portuguesa e Educação Moral e Cívica da Escola de Formação de Professores «Comandante Liberdade» do Lubango. Depois de identificados os possíveis neologismos a partir do *corpus* de extracção, seleccionou-se o *corpus* de exclusão, em função do português europeu, a partir dos dicionários *Léxico: Dicionário de Português* e *Dicionário da Língua Portuguesa*, o que permitiu, desse modo, identificar 318 unidades neológicas, repartidas em neologismos formais, semânticos, espontâneos, estilísticos e que se enquadram na criatividade e identificar a percepção dos professores sobre o tratamento de neologismos nas aulas de Língua Portuguesa e propor actividades para enriquecer o referido tratamento, uma vez que o Programa de Língua Portuguesa de Especialidade apresenta «neologismos» como conteúdo e sugere também textos literários.

Palavras-chave: neologismo, português em Angola, ensino do português

## **ABSTRACT**

This dissertation aimed to study neologisms in Portuguese in Angola, aiming to identify neologisms in literary books and contribute to their treatment, specifically in identifying neologisms in Angolan literary books and presenting a proposal for their treatment in language classes. Portuguese. Furthermore, Angolan literary books were considered as the basis for the corpus, without leaving aside the questionnaire survey of teachers in the 11th class of the Portuguese Language and Moral and Civic Education course at the «Comandante Liberdade» Teacher Training School in Lubango. After identifying possible neologisms from the extraction corpus, the exclusion corpus was selected, based on European Portuguese, from the dictionaries *Léxico: Dicionário de Português* and *Dicionário da Língua Portuguesa*, which thus allowed us to identify 318 neologisms units, divided into formal, semantic, spontaneous, stylistic neologisms that fall under creativity, identify teachers' perception on the treatment of neologisms in Portuguese Language classes and propose activities to enrich said treatment, since the Specialty Portuguese Language Program presents «neologisms» as content and also suggests literary texts.

Keywords: neologism, Portuguese in Angola, teaching Portuguese

## ÍNDICE

0. INTRODUÇÃO.....	8
0.1. Contextualização do problema e da relevância do tema.....	9
0.2. Formulação do problema .....	10
0.3. Objectivos do estudo.....	11
0.3.1. Objectivo geral.....	11
0.3.2. Objectivos específicos .....	11
0.4. Enquadramento dos conceitos-chave .....	11
0.4.1. Neologismo.....	11
0.4.2. O português em Angola .....	12
0.4.3. Ensino e aprendizagem do português .....	13
CAPÍTULO I – FUNDAMENTOS TEÓRICOS .....	15
1.1. Situação linguística de Angola .....	16
1.2. Algumas características do português em Angola .....	18
1.2.1. Nível fonético .....	19
1.2.2. Nível morfossintáctico.....	19
1.2.3. Nível lexical .....	20
1.2.4. Nível semântico .....	20
1.3. O português como língua de escolarização em Angola .....	20
1.4. Lexicologia e lexicografia .....	22
1.5. Léxico e vocabulário.....	25
1.5.1. Processos de enriquecimento do léxico .....	26
1.5.1.1. Processos morfológicos de formação de palavras .....	27
1.5.1.2. Processos irregulares de formação de palavras .....	28
1.6. Neologia e neologismo.....	29
1.6.1. Louis Guilbert.....	30
1.6.2. Alain Rey .....	32
1.6.3. Jean-Claude Boulanger .....	33
1.6.4. Teresa Cabré.....	35
1.7. Neologismos e sociedade .....	37
1.8. Neologismos e literatura.....	39
1.9. Tipos de neologismos .....	40
1.9.1. Quanto ao tipo de novidade.....	40

1.9.2. Quanto à via de criação .....	41
1.9.3. Quanto à função de criação.....	41
1.9.4. Quanto ao meio de criação.....	42
CAPITULO II – ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS.....	43
2.1. Procedimentos metodológicos .....	44
2.1.1. Obras literárias consultadas.....	46
2.2. Neologismos identificados.....	47
2.3. Tratamento dos dados dos inquéritos por questionário.....	76
2.4. Proposta para o tratamento de neologismos nas aulas de Língua Portuguesa.....	83
2.4.1. Técnicas de ensino/aprendizagem do vocabulário .....	83
2.4.2. Exemplos de tratamento de neologismos nas aulas de Língua Portuguesa.....	84
CONCLUSÕES E SUGESTÕES.....	89
Conclusões.....	90
Sugestões .....	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	93
ANEXOS .....	98
Inquérito por questionário aos professores .....	99
Programa de Língua Portuguesa da 11ª Classe: Especialidade.....	102

## 0. INTRODUÇÃO

A língua é o reflexo daqueles que dela se servem para partilhar ou tornar comum as suas ideias. É com ela que o falante aborda sobre o mundo, desde as questões mais específicas às mais gerais, apresenta os seus saberes, as suas emoções, os seus hábitos e costumes, busca representar linguisticamente qualquer novidade que afecta a sociedade. É por essa razão que se considera que a língua está ao serviço da sociedade. Por sua vez, a sociedade está em constantes transformações e tais mudanças transformam de igual modo a língua, enquanto servidora dos seus falantes.

Esta dissertação é um contributo para os estudos relativos ao português em Angola, a partir da constatação de neologismos em obras literárias e o fornecimento de subsídios para o seu tratamento nas aulas de Língua Portuguesa.

Assim, depois da parte introdutória que abarca a contextualização do problema e da relevância do tema, os antecedentes do tema investigado, a formulação do problema, os objectivos do estudo, o campo de acção, os resultados esperados e o enquadramento dos conceitos-chave, este trabalho apresenta três capítulos.

No primeiro capítulo, discutiu-se aspectos que se referem à língua portuguesa em Angola. Fez-se uma abordagem sobre a caracterização sociolinguística de Angola e a coabitação linguística do português com as línguas de Angola de origem africana e, depois, a caracterização do português em Angola em função dos aspectos fonéticos, morfossintácticos, lexicais e semânticos.

Ainda nesse capítulo, explorou-se elementos teóricos e conceituais referentes à neologia, concretamente na referenciação de lexicologia e lexicografia, na diferenciação léxico de vocabulário, neologia de neologismo; relacionou-se neologismos com sociedade, neologismos com literatura e, finalmente, a tipificação dos neologismos.

No segundo capítulo, fez-se a análise e o tratamento dos dados, começando pelo *corpus*, apresentando-se as obras literárias analisadas, os critérios de selecção do *corpus*, a apresentação e a classificação dos neologismos

identificados e, finalmente, a análise e o tratamento dos dados obtidos pela via de inquéritos por questionário aos professores de Língua Portuguesa da Escola de Formação de Professores «Comandante Liberdade» do Lubango.

Ainda nesse capítulo, apresentou-se um contributo para o tratamento de neologismos nas aulas de Língua Portuguesa.

### **0.1. Contextualização do problema e da relevância do tema**

Toda a língua viva é afectada por novidades. Naturalmente, essas inovações são motivadas pelo comportamento espontâneo dos falantes e das próprias transformações que atingem a sociedade. É assim que, ao apresentar o termo “Linguística Externa”, Saussure (2006) considerou haver relações entre a história de uma língua e a de uma raça ou civilização.

“Essas duas histórias associam-se e mantêm relações recíprocas. Isso faz recordar um pouco as correspondências verificadas entre os fenómenos linguísticos propriamente ditos [...]. Os costumes de ma nação têm repercussões na língua e, por outro lado, é, em grande parte, a língua que constitui a Nação” (idem, p. 29).

Nessa perspectiva, a linguagem passa a ser “um fenómeno que não é isolado, mas, ao contrário, como um fenómeno que se liga directamente à necessidade social de comunicação, entretanto, não se encerrando nela” (Souza, 2014, p. 42); uma ferramenta de interacção, um reflexo dos seus falantes e moldada pela sociedade e pela cultura, determinando o seu uso e transformação.

É evidente que a língua portuguesa é parte da sociedade e da história angolana e, tal como afirma Carrasco (2022a), o português, até meados do século XIX, foi língua franca da costa de Angola. A língua portuguesa foi difundida entre as populações, principalmente por missionários nas escolas, porém, nessa difusão, marcas das línguas locais foram sendo intrometidas.

Com a Independência, surgiu a necessidade de selecção de um dos idiomas, dentre os vários, entretanto, foi o português que prosseguiu como a língua de escolarização e expansão do ensino pelo país, tornando-se “obrigatório nos sectores mais actuates: no sistema educativo (como veículo de transmissão e como matéria de ensino), na informação, no sistema jurídico” (Miguel, 2014, p. 16-17), isto é, a língua portuguesa ganhou o estatuto de oficial, segundo a

Constituição da República de Angola (2010), no Artigo 19º, assumindo também a função de representação cultural nacional e até mesmo como matéria de ensino e coabitando com as línguas de origem africana, Além disso, “as mesmas razões que levaram à adopção da LP como língua veicular e oficial estão na base da sua escolha como língua de escolaridade. Nas escolas angolanas, essa língua serve, desde a primeira classe, de veículo e de matéria de ensino” (Miguel, 2014, p. 21). O próprio ensino do português é auxiliado, também, por textos literários que carregam fortes marcas socioculturais, tal como afirma Saussure (2006), o discurso literário é produto da cultura.

Por conseguinte, algumas marcas socioculturais reflectidas nos textos literários manifestam-se como neologismos, sendo que os alunos e professores se deparam com tais situações durante as aulas de Língua Portuguesa. Daí a razão desta pesquisa, não só para se constatar neologismos em obras literárias, mas também para se contribuir para o seu tratamento nas aulas.

É em função disso que se pretendeu reflectir sobre o português em Angola, começando pela verificação de neologismos em obras literárias e contribuindo para o seu tratamento nas aulas de Língua portuguesa, o que nos fez, antes disso, discutir resumidamente assuntos como: o português em Angola e suas características, o português como língua de escolarização, neologia e neologismos; neologismos e sociedade; neologismos e literatura.

## **0.2. Formulação do problema**

Tal como noutras realidades, o português em Angola estabelece relações culturais e até linguísticas, o que pode levar à existência de neologismos na literatura nacional, uma vez que essa é bastante diversificada e rica em temas, formas e estilos, encerrando assuntos relacionados com o contexto histórico e social, aspectos sobre multiculturalismo e multilinguismo, marcas da oralidade e outros.

Esta constatação permite à formulação da seguinte questão:

Que neologismos podem ser identificados em obras literárias angolanas e qual o tratamento a dar-lhes nas aulas de Língua Portuguesa?

### **0.3. Objectivos do estudo**

Considerando o tema, a justificação e o problema do presente trabalho, definiu-se os seguintes objectivos:

#### **0.3.1. Objectivo geral**

- Constatar neologismos em obras literárias e contribuir para o seu tratamento nas aulas de Língua Portuguesa.

#### **0.3.2. Objectivos específicos**

- Identificar neologismos em obras literárias angolanas;
- Apresentar uma proposta de tratamento nas aulas de Língua Portuguesa.

### **0.4. Enquadramento dos conceitos-chave**

A seguir, foram apresentados os conceitos fundamentais que servem de descritores do presente estudo:

#### **0.4.1. Neologismo**

Segundo Moreira & Pimenta (2014, p. 231), “os neologismos (*neo* = novo + *logos* = palavra) são as unidades lexicais formadas para representar novas realidades. Podem ser criadas de novo (neologismos de forma) ou adaptadas a algumas existentes (neologismo de sentido)”.

Para o Dicionário de Termos Linguísticos (2023), neologismo é o resultado de um processo de formação de novas unidades lexicais ou da atribuição de um novo sentido a uma unidade lexical já existente. Entende-se também por neologismo a unidade lexical que, proveniente de uma língua estrangeira, é adoptada por outra língua.

Isso significa que o neologismo constitui um termo referente a uma palavra, a uma expressão ou a um conceito novo, criado ou introduzido numa determinada língua, cujo surgimento depende de tendências culturais, tecnológicas ou para responder às necessidades ou lacunas num determinado

vocabulário. Ray (1976, citado por Antunes, 2012) considera que a existência do neologismo está ligada aos empréstimos e à morfologia.

De acordo com isso, o neologismo forma-se pela via de combinação de palavras existentes, da adopção de palavras de outras línguas, da invenção de palavras novas ou da atribuição de um novo significado a uma palavra já existente.

#### **0.4.2. O português em Angola**

O português em Angola é usado em diversos contextos, tais como: na educação, na comunicação social, nas actividades do Governo e outros. “A língua portuguesa em Angola goza do estatuto de língua oficial, como acontece noutros países africanos onde a sua presença se fez sentir. Segundo as evidências, o português está tão expandido entre a população angolana que muitos a têm como sua única língua” (Adriano, 2015, p. 41).

Assiste-se a uma diminuição da população mais velha que tem o português como L2 veicular e a um aumento da população que o tem/terá como LM. As crianças e os jovens já nascem e amadurecem a falar português e não as línguas dos seus pais. Desta forma, o português continua a firmar-se como a única língua tendencialmente nacional em Angola, pela cobertura que faz de todo o território e pelo número de falantes (Carrasco, 2022a, p. 41).

Todavia, o português em Angola está em constantes transformações, fundamentalmente pela influência das “línguas africanas de Angola, particularmente o kimbundu e o umbundu que marcam o português em Angola, sobretudo a nível do léxico, mas também da sintaxe e da fonética” (idem).

Assim, a coabitação linguística do português com outras línguas faladas em Angola, o afastamento geográfico em relação à norma europeia e a diversidade sociocultural do povo angolano constituem factores para a existência de características peculiares do português falado em Angola. Undolo (2018, p. 24) sublinha que há “um grupo social heterogéneo quanto ao seu perfil socioprofissional, constituído por influentes políticos, jornalistas e de desportos, escritores, docentes do ensino superior, empresários que realizam um dialecto com uma pronúncia, sintaxe e vocabulário cuidados, em contexto situacional formal de comunicação”.

### 0.4.3. Ensino e aprendizagem do português

O ensino da língua portuguesa pode ocorrer em diferentes contextos e níveis, desde o ensino básico até à pós-graduação. Ele é feito fundamentalmente de maneira formal, por um lado e, por outro, como aulas particulares ou aprendizagem autónoma.

Fuzer (2009) defende que o modo como o professor ensina a língua tem relação com a sua concepção de linguagem, língua e gramática. Em função disso, podem ser realizados três tipos de ensino: o prescritivo, o descritivo e o produtivo.

- No *ensino prescritivo* o professor concebe a linguagem como expressão do pensamento e a gramática como sistema de normas que determinam o que é “certo” e “errado”. Este tipo de ensino privilegia, em sala de aula, o trabalho com a língua escrita culta e tem como objectivo principal a correcção formal da língua nos níveis fonológico, morfológico, sintáctico, e semântico, levando o aluno a conhecer apenas a norma culta, alterando os padrões anteriormente adquiridos pelo aluno.
- O *ensino descritivo* é segundo as gramáticas descritivas e normativas e dedica-se ao funcionamento da língua em todas as suas variedades linguísticas. Aqui, para além do aluno conhecer a estrutura, também domina o funcionamento da língua, ou seja, leva o aluno a ter a capacidade de analisar sistematicamente factos e fenómenos que se encontram na sociedade.
- No *ensino produtivo*, o professor orienta o aluno a desenvolver novas habilidades linguísticas, de modo a tornar o uso da língua mais proficiente, ou seja, é um ensino desenvolvido pelo professor que, para além de apontar o “certo” ou o “errado”, concebe a linguagem como processo de interacção com os diferentes grupos sociais.

Assim, o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa implicam não só o bom domínio da gramática, enquanto princípios que regem o funcionamento de uma língua, mas também a capacidade de analisar os fenómenos

sociais que atingem o seu idioma e a habilidade de interacção com os outros membros da sua comunidade linguística.

## **CAPÍTULO I – FUNDAMENTOS TEÓRICOS**

## CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, procurou-se abordar sobre a língua portuguesa em Angola, isto é, a situação linguística, algumas características do português e o português como língua de escolarização em Angola.

Ainda neste capítulo, discutiu-se alguns aspectos teóricos sobre neologia, relacionando lexicologia com lexicografia, léxico com vocabulário, neologia com neologismo, relacionou-se neologismos com sociedade, neologismos com literatura e tipificação dos neologismos.

### 1.1. Situação linguística de Angola

A língua portuguesa chegou ao território angolano com os Descobrimentos, depois, com a colonização, a colónia foi-se expandindo e, com ela, a língua portuguesa ganhava um espaço maior e mais possibilidades tinha de se relacionar com outras línguas já faladas em Angola antes da presença dos europeus.

Quando, em 1975, Angola se tornou independente, após um longo período de colonialismo e um ainda mais longo período de contacto entre o português e as línguas africanas aí faladas, no momento de escolher a língua oficial da nova nação, a opção recaiu sobre o português, o que representou uma continuidade, ao invés de uma ruptura que poderia ter sucedido se a escolha tivesse recaído sobre uma das línguas autóctones (Banza, 2014, p. 29).

Mesmo com a independência, o português permaneceu e, tal como afirma Adriano (2015), o valor da língua portuguesa foi imediatamente reconhecido em função do seu papel promotor da unidade nacional, num país com uma situação sociocultural complexa, com numerosas culturas e línguas; na unificação da diversidade étnica e cultural que caracteriza Angola.

Nessa perspectiva, “Angola é um país linguisticamente caracterizado como plurilingue a nível social e essencialmente bilingue a nível individual. Integra línguas estruturalmente muito diferentes umas das outras. Algumas pertencem às línguas *bantu*” (idem, p. 37).

Quanto a Angola, o português é a língua oficial, mas o país conta com quatro dezenas de línguas nacionais, das quais, seis com maior expressão e erigidas a estatuto de línguas nacionais: chokwe, kikongo, kimbundo, ngaguela, kwanhama e

umbundu. Essas línguas foram valorizadas [...] graças às pesquisas levadas a cabo pelo Instituto Nacional de Línguas que culminaram na fixação de normas ortográficas, lexicais e semânticas das seis línguas. Os resultados desse trabalho de investigação serviram de suporte à concepção de material didático para a futura inserção destas línguas no ensino primário, em paralelo com a língua portuguesa (Mpanzu, 2018, p. 17).

O português possui um carácter multifuncional e está no sistema educativo, sendo veículo de transmissão e como matéria de ensino; na informação, no sistema judicial e jurídico, na administração pública em geral.

O Censo 2014 demonstrou que, tal como evidencia (Mpanzu, 2018), o português é falado por mais de metade da população, isto é, 71%, com maior predominância nas áreas urbanas, onde 85% da população fala a língua portuguesa, enquanto somente 49%, na área rural. 9 milhões de angolanos, com idade igual ou superior a dois anos, falam mais de uma língua em casa. O português é a língua mais usada no país, ou seja, 39% da população tem como a sua única língua.

Segundo Carrasco (2022b), assiste-se à diminuição da população mais velha que tem o português como L2 veicular e há um aumento da população que o tem/terá como LM. As crianças e os jovens já crescem e amadurecem a falar o português e não o idioma dos seus pais. Assim, o português continua a afirmar-se como a única língua tendencialmente nacional no país, não só pela cobertura que faz por todo o país, mas também pelo número de usuários.

O bilinguismo, a nível dos indivíduos, pode explica-se pelas seguintes razões principais:

- *O plurilinguismo a nível social* – o país conta com aproximadamente 40 línguas de origem bantu e khoisan;
- *Implantação do português pelo regime colonial* – por meio de uma política de assimilação que visava a adopção, pelos angolanos, de hábitos e valores portugueses, dentre os quais o domínio da língua portuguesa;
- *A Guerra Civil* – o êxodo massivo de angolanos das zonas rurais para os centros urbanos ou para países vizinhos e não só, em busca de refúgio na Namíbia, Zâmbia, Congo, Portugal, França e outros, fê-los,

ao regressar à pátria, dominar, português, africâner, bemba, lingala, kituba ou serem ao mesmo tempo lusófonos, francófonos e anglófonos. “Face às alterações que a guerra civil provocou no deslocamento das populações do interior para as cidades. Aqui impôs-se-lhes o português” (Carrasco, 2022b, p. 41);

- *O português como língua oficial* – o português serve, desde a primeira classe, de veículo e de matéria de ensino, é o idioma da comunicação social, dos tribunais...

“o português, uma língua veicular que não era nenhuma das suas maternas. Esta condição de L2 veicular a nível dos adultos vem-se alterando para L1 em relação às crianças, com consequências em termos da condição e da expansão da língua portuguesa. Não se subestime neste fenómeno o papel generalizador do ensino, feito em português e ensinando português” (Carrasco, 2022b, p. 41).

## **1.2. Algumas características do português em Angola**

A língua portuguesa em Angola apresenta características que a diferenciam de outros países lusófonos. “Nota-se, pouco a pouco, na sociedade angolana, um grupo social heterogéneo quanto ao seu perfil socioprofissional [...] que realizam um dialecto com uma pronúncia, sintaxe e vocabulário cuidados, em contexto situacional formal de comunicação” (Undolo, 2018, p. 24).

As peculiaridades do português em Angola são fortemente influenciadas pelo contacto de línguas, ou seja, pela coabitação do português com as outras línguas de Angola de origem africana. “As línguas indígenas de Angola, sobretudo o kimbundu e o umbundu, deixaram uma marca indelével no léxico. Angola faz parte da zona linguística bantu, razão por que os africanismos neste país recebem o nome específico de bantuísmos” (Carrasco, 2023a, p. 144).

Segundo Carrasco (2022b), as línguas africanas de Angola, particularmente o kimbundu e o umbundu marcam o português em Angola, sobretudo a nível do léxico, mas também da sintaxe e da fonética. Com base nessas e noutras marcas, ele apresenta algumas características do português em Angola que a seguir são expostas.

### 1.2.1. Nível fonético

- a) *Vogais átonas pouco reduzidas* – se no português europeu se reduz as vogais pretónicas, é comum essas vogais serem pouco reduzidas. Ex.: qui, |[e]var...
- b) *Introdução de um [i] epentético entre duas consoantes que habitualmente não formam grupo em português, criando-se assim uma sequência CVC.* Ex.: p|[i]scologia, rit|[i]mo...
- c) *Palatalização.* Ex.: Aure|[lh]o, domo|[nh]o

### 1.2.2. Nível morfossintático

- a) *Omissão do artigo depois do determinante «todo», no singular ou no plural.* Ex.: Todas mãe já sabem./ Todas as mães já sabem. Todo mundo viajou./Todo o mundo viajou.
- b) *Omissão da marca do plural /s/.* Ex.: Os meus menino foram.
- c) *Omissão do artigo em frases e expressões populares e familiares frequentes.* Ex.: O miúdo balouçava parecia era boneco. (L. Veira).
- d) *Frases iniciadas com pronome pessoal átono.* Ex.: Me viste. Lhe chama.
- e) *Uso da próclise, mesmo em caso de ausência de qualquer proclisador.* Ex.: Me empresta só o teu telemóvel.
- f) *Uso com função recta do pronome pessoal oblíquo «mim».* Ex.: Esse dinheiro é para mim comprar água.
- g) *Generalização do lheísmo.* Ex.: Lhe viram no parque. Lhe bateram muito.
- h) *Uso do reflexivo da 3ª pessoa como primeira pessoa.* Ex.: Amanhã se encontramos para concluir o trabalho.
- i) *Utilização específica de certos verbos como auxiliar aspectuais.* Ex.: A comida escapou de queimar.
- j) *Uso passivo do verbo bater com o sentido de espancar.* Ex.: Jamba lhe levaram na polícia e lá foi batido.
- k) *Uso do verbo queixar transitivo directo.* Vou-te queixar na polícia.
- l) *Emprego existencial do verbo ter.* Ex.: Tinha gente nova no bairro.
- m) *Emprego da terceira pessoa do presente do indicativo com valor de imperativo, sobretudo negativo.* Ex.: Não sai de casa! Se mexem já.

- n) *Emprego de vir com o valor de «ir» e de «trazer» com o valor de levar.*  
Ex.: Não sai de casa, eu venho já aí e te trago o livro.
- o) *Um sem número de desvios no emprego de preposições.* Dei a volta no quintal.
- p) *Utilização de você com a segunda pessoa.* Ex.: Você não sabes nada.

### **1.2.3. Nível lexical**

Tal como já se disse anteriormente, as línguas indígenas angolanas contribuíram com um grande número de palavras para o léxico do português, como é o caso de gindungo, salalé, jinguba, liamba e outras. “Outros termos são mais recentes (destes, alguns não estão ainda dicionarizados): desconseguir, salo, cupapata, zungueira, avilo, roboteiro, kinguila, kamba, baju, marimbondo [...], etc..” (Carrasco, 2022b, 45).

### **1.2.4. Nível semântico**

No português falado em Angola, há vários casos de extensão semântica, por exemplo:

- a) Para as palavras *pai, mãe, avô, tio, tia, mano, mana*, o seu uso transcende o mero laço de parentesco, que na maioria dos casos não existe. São formas que exprimem respeito ou laço afectivo, não necessariamente familiar.
- b) *Romper* – pode significar arrombar, terminar uma relação amorosa.
- c) Consideram-se ainda expressões, como: *estamos juntos, deixar falecer, se dar de...* e outras.

## **1.3. O português como língua de escolarização em Angola**

Diversos factores determinam a escolha de uma língua de ensino, dentre eles estão a vontade política, cultural, questões psicossociais, da rentabilidade do sistema educativo. Independentemente dos critérios, é fundamental olhar-se para os interesses nacionais.

A Constituição da República de Angola (Angola, 2010) determina o português como língua oficial do país e valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das demais línguas de Angola. Além disso, “As mesmas razões que levaram à adopção da LP como língua veicular e oficial estão na base da sua

escolha para língua de escolaridade. Nas escolas angolanas, esta língua serve, desde a primeira classe, de veículo e de matéria de ensino” (Miguel, 2014, p. 21), porém, o ensino do português remota desde os primeiros contactos entre angolanos e portugueses que, em 1482, desembarcaram no Reino do Congo e deram início a uma vasta actividade de evangelização e educação. A título de exemplo, “Diogo cão levou consigo alguns jovens congueses de descendência nobre, que convertidos ao cristianismo e dominando a língua portuguesa, voltam, na segunda expedição (Carrasco, 1988, p.39).

Inicialmente, o ensino concentrou-se nas zonas do litoral, fundamentalmente nas aglomerações urbanas de Luanda e de Benguela, seguidamente nas povoações que se foram formando. Para Miguel (2014), o governo colonial não hesitou em impor o uso do português no ensino, hostilizando as línguas autóctones. As escolas deparavam-se com um cenário pungente de crianças que aprendiam a língua pela alfabetização directa do português.

Miguel (2014), apresenta os seguintes aspectos sobre o ensino do português em Angola:

- Era ensinado pelos missionários aos africanos;
- Foi imposto para vetar as línguas autóctones;
- Veículo e matéria de ensino desde as primeiras classes;
- Utilizavam-se os programas e os métodos de ensino da “metrópole”;
- As crianças aprendiam a língua pela alfabetização directa em português;
- A imposição provocou, com frequência, fenómenos de psitacismo;
- Ocorreu um baixo rendimento escolar em todas as matérias de ensino;
- Certos professores ingressavam na carreira sem nenhuma formação pedagógica;
- Poucas escolas nos centros rurais.

O início da Luta Armada promoveu:

- A difusão da rede escolar;
- Começaram a surgir críticas aos métodos de ensino da língua em Angola;

Com o alcance da independência, surgiu o desejo de unidade nacional que passou, também, pela selecção de uma língua dentre as várias. A escolha recaiu para o português que continuou a ser a língua de escolarização, pela qual se expandia o ensino.

Assim, o português constitui:

- Instrumento e matéria de ensino;
- Representa um dos factores de unidade nacional;
- Língua oficial.

Segundo Miguel (2014), em Angola, o português está no ensino nas seguintes condições:

- A língua portuguesa não é materna de muitas crianças, sobretudo das que vivem no meio rural;
- Muitas crianças, especialmente as das zonas rurais, desconhecem o português quando entra na escola;
- Os programas das disciplinas de Língua Portuguesa estão perspectivados para o ensino dessa como materna;
- Geralmente, nas escolas, as turmas são sobrelotadas, o que dificulta um maior acompanhamento do professor.

Em função de situações como as apontadas acima, Undolo (2019) sugere a preservação das identidades culturais ao nível das comunidades locais e da identidade cultural ao nível da nação angolana e o melhoramento da comunicação nacional em distintos contextos de comunicação: formal, informal, de especialidade, de não especialidade, etc..

#### **1.4. Lexicologia e lexicografia**

A Lexicologia e a lexicografia são duas disciplinas relacionadas ao estudo das palavras de uma língua.

A Lexicologia ocupa-se do estudo da forma, do significado e da função das palavras, ou seja, descrever e explicar o léxico, identificando as propriedades morfológicas, semânticas e sintácticas das palavras, bem como a relação entre elas.

Lexicologia é o estudo teórico do vocabulário nos seus múltiplos aspectos como frequência, distribuição, conteúdo, autonomia ou dependência de uma gramática. De um modo geral; a Lexicologia incorpora no seu domínio todos os processos de derivação. Na Lexicologia são utilizadas várias metodologias que representam diferentes tendências como a léxico-estatística, a lexicologia estrutural e descritiva, a histórica, a social, etc. (Dicionário de Termos Linguísticos, 2023).

Cabe à Lexicologia, segundo Barbosa (2010), numerosas tarefas, tais como:

- Definir conjuntos e subconjuntos lexicais (léxico universal, conjunto vocabulário, léxico efectivo e virtual, vocabulário activo e passivo);
- Conceituar e delimitar a unidade lexical de base, bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes às diferentes denominações;
- Analisar e descrever as estruturas morfológicas, sintácticas e semânticas de tais unidades, sua estruturação, tipologia e possibilidades combinatórias;
- Examiná-las em sua carga ideológica, força persuasiva, natureza modelizante;
- Examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural, a transposição de uma “realidade” infinita e contínua a um número limitado de lexias, o recorte do “real” operado pelo léxico das diversas línguas;
- Abordar a palavra como um instrumento de construção e detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de recortes culturais;
- Analisar a influência do contexto em cada palavra e, reciprocamente, a determinação e a actuação de cada palavra em seus diferentes contextos possíveis;
- Analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenómenos daí decorrentes, isto é: polissemia, homonímia, homosemia total (sinonímia), homosemia parcial (parassinonímia), hiperonímia, hiponímia, co-hiponímia, antonímia e paronímia e, com a análise distribucional e a análise sêmica, examinar a questão dos campos semânticos e dos domínios de experiência e trazer novas respostas a essa problemática;

- Estabelecer a rede de relações das palavras de um sistema linguístico;
- Procurar circunscrever a aptidão das palavras, para se interligarem, nos planos morfossintácticos, sintáctico e semântico, nos eixos paradigmático e sintagmático;
- Estudar o conjunto de palavras de determinado sistema, ou dum grupo de indivíduos, como universo léxico ou conjunto vocabulário, analisar o léxico efectivo (activo e passivo) e fazer estimativas sobre o léxico virtual, numa perspectiva diatópica, diacrónica, diastráctica e diafásica;
- Procurar sistematizar os processos fundamentais de criação e renovação lexicais (neologia fonológica, semântica, sintagmática e alogenética), as relações da neologia com o contexto de enunciação, os mecanismos de auto alimentação e auto-regulagem do léxico;
- Formalizar a dinâmica do léxico e do processo neológico, observadas as fases de criação da palavra, sua aceitabilidade no meio social, sua desneologização e possível reneologização. Por outro lado, tais questões podem ser consideradas do ponto de vista diacrónico, sincrónico, pancrónico, podem sofrer um tratamento quantitativo ou qualitativo, ter uma abordagem descritiva ou aplicada

Já a lexicografia dedica-se à compilação, escrita e edição de dicionários. Isso quer dizer que essa disciplina não só selecciona, classifica e organiza, como define, descreve e exemplifica o significado. Para a lexicografia, há a figura do lexicógrafo, o profissional responsável por produzir dicionários e outras obras lexicográficas através de técnicas e metodologias específicas para garantir a clareza e precisão das informações apresentadas.

Segundo o Dicionário de Termos Linguísticos (2023), a Lexicografia é o

ramo da lexicologia que se ocupa da realização de dicionários e léxicos. O termo pode ser também utilizado para designar o estudo teórico e a análise dos dicionários, da sua elaboração (metodologia) e da sua estrutura (lexicografia teórica). A lexicografia pode não implicar a realização de um dicionário, mas apenas o recenseamento e a análise das formas e das significações das unidades lexicais observados do ponto de vista das suas combinatórias de funções.

Barbosa (2010) defende que a palavra também é objecto de exame da lexicologia, porém, noutra perspectiva, quando surge como tecnologia de

tratamento daquela, de compilação, classificação, análise e processamento, de que resulta, por exemplo, a produção de dicionários, vocabulários técnico-científicos, vocabulários especializados e congêneres. Ou melhor, se, por um lado, a Lexicologia estuda cientificamente o léxico, por outro, a Lexicografia é a técnica dos dicionários.

A complexa questão relativa à delimitação dessas disciplinas se estende à própria multisignificação de cada uma delas. Os discursos lexicográficos são simultaneamente registos de palavras e objecto de estudo da Lexicografia, enquanto investigação fundamental; esta, a seu turno, é objecto da Metalexigrafia que se define, por sua vez, como epistemologia da ciência lexicográfica (idem, p. 4).

De forma geral, se, por um lado, a Lexicologia estuda o vocabulário de uma língua de maneira mais universal, a Lexicografia, por outro, foca-se na elaboração de obras que sistematizam e descrevem essas unidades lexicais de forma mais específica e detalhada.

### **1.5. Léxico e vocabulário**

Léxico e vocabulário são, por vezes, vistos como sinónimos, porém, apesar de ambos relacionarem-se ao estudo das palavras de uma língua, acabam por se divergir em algum momento. “O par léxico-vocabulário decorre precisamente das oposições *langue/parole* – língua/fala (terminologia de Saussure) e *langue/discours* – língua/discurso (terminologia de Guilaume): *léxico* diz respeito à língua e *vocabulário* ao discurso” (Galisson & Coste, 1983, p. 433).

Moreira & Pimenta (2014) consideram o léxico (do grego *lexikón*, relativo às palavras) como o conjunto ilimitado e aberto de unidades significativas, designadas por *lexemas* (palavras ou constituintes morfológicos portadores de significado) que constituem os recursos lexicais disponíveis numa língua de uma comunidade ou de um locutor. Ou seja, “o léxico é o conjunto de palavras de uma língua. Encontrámo-las reunidas no dicionário” (Carrasco, 2022a, p. 103).

Para Galisson & Coste (1983), o léxico é constituído por unidades virtuais: os *lexemas*. Quando os *lexemas* se actualizam no discurso, tornam-se *vocábulo*s. O conjunto dos *vocábulo*s é o *vocabulário*. O *vocabulário* está necessariamente

ligado a um texto, que pode ser escrito ou falado, curto ou extenso, homogéneo ou compósito, enquanto o léxico, transcendendo o texto, está ligado a um ou vários locutores. Nessa perspectiva, o vocabulário de um texto pressupõe a existência de um léxico, do qual não é senão uma amostragem, ou seja, um subconjunto.

Na verdade, o número de unidades lexicais dominado por um falante representa um número total que é possível estabelecer com facilidade, ao passo que o de um léxico só pode ser calculado aproximadamente, isso é, não é possível apresentar a totalidade exacta das palavras de uma língua.

Léxico e vocabulário caracterizam-se: pelo seu conteúdo, e particularmente do ponto de vista quantitativo, pelo número de unidades que contêm. Pela sua estrutura e, particularmente, sob o ponto de vista quantitativo, pela sua frequência (quando se trata do vocabulário) ou pela modalidade de emprego das suas unidades.

Na perspectiva de Carrasco (2022a), o léxico reparte-se em global e individual:

- *Léxico global* (ou geral) que é a soma considerável de palavras de que dispões uma comunidade numa época determinada;
- *Léxico individual* que é o conjunto de todas as palavras que num dado momento estão à disposição de cada locutor;

Moreira & Pimenta (2014) consideram também o de especialidade:

- *Léxico de especialidade* que “é o conjunto de vocabulário característico de um domínio técnico, científico ou tecnológico (o léxico da matemática, do desporto, da medicina...). O estudo dos léxicos de especialidade é designado por terminologia”.

### **1.5.1. Processos de enriquecimento do léxico**

O português serve-se de vários processos que lhe permitem enriquecer o seu léxico. Moreira & Pimenta (2014) repartem-nos em: *processos morfológicos* e *processos irregulares*.

### 1.5.1.1. Processos morfológicos de formação de palavras

Para Moreira & Pimenta (2014), esse processo consiste na associação de constituintes morfológicos, tendo em conta as suas propriedades para formar palavras simples e compostas. Em função disso, podemos considerar a derivação e a composição:

#### a) Derivação

A derivação é um processo em que um afixo derivacional se associa a uma forma derivante. Nesse processo envolvem-se os afixos (prefixos e sufixos) e uma forma base (radical ou tema verbal). Por outra, são também enquadrados na derivação as alterações das categorias gramaticais e a função sintáctica. Assim, podemos considerar como derivadas as palavras formadas por:

- *Prefixação* – modificação da estrutura base da palavra por adjunção de um prefixo. Ex.: *im* + *pôr* = *impor*.
- *Sufixação* – modificação da estrutura de base de uma palavra por adjunção de um sufixo. Ex.: *pinta* + *or* = *pintor*.
- *Parassíntese* – intervenção simultânea da prefixação e da sufixação. Ex.: *a* + *funil* + *ar* = *afunilar*.
- *Conversão* – um vocábulo passa para uma nova classe de palavras, sem alteração da sua forma. Ex.: *jantar* (verbo) > *o jantar* (substantivo).
- *Derivação não afixal* – geração de nomes deverbais a partir da substituição dos especificadores do radical verbal (vogal temática e flexão verbal) pelos especificadores do radical nominal (índice temático e flexão nominal). Ex.: *debater* > *debate*.

#### b) Composição

A composição é um processo de formação de palavras em que duas ou mais formas de base se associam. Em português, há a composição por justaposição e por aglutinação. Segundo a Gramática Fácil do Português (2010), a composição pode ocorrer por:

- *Morfológica* – quando a palavra resulta da união de duas ou mais palavras que conservam, cada uma, os respectivos acentos e ortografia. Ex.: *pára-quedas*.

- *Morfossintáctica* - quando as palavras resultam da união de duas ou mais palavras de forma tão estreita que se subordinam a um único acento tónico e sofrem alterações ortográficas. Ex.: plano + alto = *planalto*.

#### 1.5.1.2. Processos irregulares de formação de palavras

##### a) *Extensão semântica*

A extensão semântica é caracterizada pela mudança das unidades lexicais que, através do uso, permite a aquisição de novas polissemias. Possibilita a troca de vocabulário entre a língua geral e as línguas de especialidade, tornando-se, por isso, um factor neológico muito produtivo. Ex.: A palavra *janela*, aplicada à informática, significa conjunto consecutivo ordenado de números de sequência de recepção de pacotes autorizados a cruzar interface.

##### b) *Amálgama*

Consiste na fusão de duas ou mais unidades lexicais truncadas que se juntam numa nova unidade lexical. Ex.: *biónica* ( de **biologia** e **electrónica**).

##### c) *Acrónimo*

Permite a formação de unidades lexicais a partir da combinação de iniciais ou combinação de letras ou sílabas de várias palavras, pronunciando-se como uma *palavra* corrente. Ex.: SINPROF (**S**indicato **N**acional de **PROF**essores).

##### d) *Sigla*

Consiste na redução de uma palavra ou de um grupo de palavras às suas iniciais. Ex.: EFP (Escola de Formação de Professores).

##### e) **Onomatopeia**

Unidade lexical criada por imitação de certos sons ou ruídos, que procura fazer a correspondência aproximada aos sons naturais. Ex.: tique-taque.

##### f) *Truncação*

Permite a criação de uma palavra nova a partir do apagamento de parte da palavra de que deriva. Ex.: *metro* (de *metropolitano*).

Pinto & Lopes (2010) apresentam mais processos:

### g) *Cultismo*

Palavras que se busca de uma língua de prestígio, como exemplo, o latim e o grego clássico. Trata-se de palavras adoptadas por via erudita. Ex.: átrio.

### h) *Hibridismo*

Palavra composta por elementos provenientes de línguas diferentes. Ex.: automóvel (auto – grego + móvel - latim).

Correia & Almeida (2012, citado por Resende, 2014) consideram a *importação*.

### i) *Importação*

Unidade lexical originária de outro sistema linguístico e reparte-se em empréstimo e estrangeirismo.

- *Empréstimo* – elemento proveniente de outra língua que se adapta ao sistema linguístico de acolhimento, ou seja, para o caso do português, aporuguesada;
- *Estrangeirismo* – unidade importada de outra língua que não sofreu qualquer adaptação à língua de chegada.

## 1.6. Neologia e neologismo

Para o Dicionário de Termos Linguísticos (2023), relativamente à neologia e aos neologismos, encontrou-se o seguinte: neologia é a “criação de neologismo. Este processo caracteriza-se por dois grandes tipos de criação lexical que englobam vários outros subtipos: a neologia de forma e a neologia de sentido” e o neologismo como “resultado de um processo de formação de novas unidades lexicais ou da atribuição de um novo sentido a uma unidade lexical já existente. Por neologismo pode entender-se ainda a unidade lexical que, proveniente de uma língua estrangeira, é adoptada por outra língua”.

Muitos autores apresentaram estudos sobre neologia e neologismo. Eles apresentaram ideias que se complementam, apesar de trabalharem nas diferentes línguas românicas, como é o caso de:

- Bernard Quemada (Francês): “*À propos de la néologie: essai de delimitation des objectifs et des moyens d’action*” (1971).

- Giovanni Adamo (italiano): “*L’Osservatorio neológico della lingua italiana*” (2010); “*L’Osservatorio neológico della lingua italiana. Linee di tendenza nell’innovazione lessicale dell’italiano contemporaneo*” (2003a); “*Formations neologiques en italien contemporain: Sondage d’un corpus de l’apresse quotidienne*” (2003b).
- Leda Alves (português): “*A integração dos neologismos por empréstimos ao léxico português*” (1984); “*Empréstimos lexicais na imprensa política brasileira*” (1988); “*Neologismo: criação lexical*” (1990); “*Neologia técnico-científica e análise de corpus*” (2002); “*A observação sistemática da neologia lexical: subsídios para o estudo do léxico*” (2006); “*A importância da neologia no seio das línguas românicas*” (2010) e outras.
- Margarita Correia (português): “*Algumas particularidades da prefixação na neologia do português contemporâneo*” (1989); “*Neologia e Terminologia*” (1998); “*A neologia científica: balanço e perspectivas*” (2003); “*Terminologia, neologia e normalização: como tratar os empréstimos neológicos*” (2005) e outros.

Para esses autores “é consensual que a neologia é a disciplina que trata do estudo dos neologismos; contudo, a definição do seu objecto de estudo, os neologismos, é um pouco mais problemática” (Antunes, 2012 p. 16).

Assim, com base em Antunes (2012), importa apresentar aqui os contributos e as reflexões sobre os conceitos de neologia e neologismo na perspectiva de autores considerados como mais representativos nessa área:

### **1.6.1. Louis Guilbert**

A partir das suas obras “*Thorie du néologisme*” e “*La créativité lexicale*”, ambas publicadas em 1973 passou a ser considerado como um dos pioneiros franceses nos estudos neológicos.

No seu texto “*Thorie du néologisme*” (1973), Guilbert retoma o trabalho de Ferdinand de Saussure sobre a concepção do signo linguístico, recorrendo às dicotomias «diacronia» e «sincronia», e «língua» e «fala» para, através destas, explicitar o conceito de neologismo. Ao tomar a distinção de diacronia e sincronia de Saussure. O autor exclui o neologismo da primeira, considerando a neologia um fenómeno eminentemente sincrónico, ainda que não em exclusivo [...] a neologia revela, não de evolução, mas de criação (Antunes, 2012, p. 19).

Ao recorrer também à dicotomia *langue/parole* (língua/fala), para delimitar o carácter dinâmico e inovador da língua, “para Guilbert, a criação de um neologismo é um acto inconsciente e individual da fala (*parole*) que influencia a língua (*langue*) e o seu uso colectivo” (idem, p. 20).

Assim, segundo Antunes (2012), Louis Guilbert considera neologia como a “criação do neologismo” e neologismo, o resultado de um processo de formação de novas unidades lexicais ou da atribuição de um novo sentido a uma unidade lexical já existente. Por neologismo, pode entender-se ainda a unidade lexical que, proveniente de uma língua estrangeira, é adoptada por outra língua.

Antes de definir os tipos de neologismos, Guilbert apresentou os seguintes postulados:

1. Uma língua funciona segundo o seu próprio código, a partir do qual se produzem os actos do discurso e as suas formações lexicais. Tudo o que provém de uma língua diferente deve ser considerado como pertencente a um código diferente.
2. O neologismo é um signo linguístico formado por um «significante» e um «significado». Estes dois componentes modificam-se conjuntamente na criação neológica, mesmo se a mutação incidir apenas na morfologia do termo ou apenas no significado.
3. A formação neológica, à excepção da onomatopaica, não é uma unidade de significado mínima. O acervo lexical de palavras simples pertence ao fundo transmitido de geração em geração. A criação resulta da combinação de elementos mais simples que existem na língua e reside no modo como esses elementos se relacionam.
4. A criação do neologismo não pode ser dissociada da pessoa do locutor que o cria e do enunciado que ele cria numa dada situação quando se formula a nova palavra.
5. O neologismo apresenta um aspecto oral e um aspecto escrito no momento da sua formação. Nenhuma destas formas de produção deve ser negligenciada na definição (fonética ou gráfica) da palavra nova e na relação que se institui.

Em função desses postulados, Guilbert sugere quatro tipos de neologismos:

- *Neologismo fonológico* – consiste na criação de uma nova substância fónica e na sua transcrição;
- *Neologismo sintagmático* – abrange todas as formas de combinação de palavras a partir de elementos diferentes (incluído a derivação);
- *Neologismo semântico* – implica a criação de um novo significado para um significante já existente;
- *Neologismo por empréstimo* – recai para os diferentes empréstimos de palavras de uma língua estrangeira.

É nessa perspectiva que se pode concluir que Guilbert considera a neologia como o estudo dos fenómenos linguísticos que aparecem num dado momento numa língua e que se podem manifestar em qualquer dos níveis linguísticos.

#### **1.6.2. Alain Rey**

Rey notabilizou-se com a sua publicação intitulada “*Néologism: un pseudo-concept?*” publicado em 1976, procurando compreender se o conceito de neologia é ou não um pseudoconceito e define neologismo como uma nova unidade de natureza lexical numa determinada língua.

No que se refere às novidades morfológicas, todas as combinações possíveis e autorizadas pela gramática são virtualmente aceitáveis; contudo, são as questões socioculturais que determinam o seu uso efectivo e fixação no léxico da língua. Assim, a passagem do virtual (morfologia) para o real (léxico) é, de acordo com o autor, uma questão psicossociológica e não puramente linguística (Antunes, 2012, p. 24).

Rey (1976, citado por Antunes, 2012) afirma que, relativamente ao código linguístico onde o neologismo ocorre, para definir léxico, palavra e neologismo deve observar-se a língua como um código funcional com as suas variantes. É necessário definir os seus limites nos planos cronológicos, espacial e socioinformacional:

- *Aspecto temporal*: as estruturas lexicais podem ser estudadas e as suas modificações podem ser compreendidas apenas em sincronia. Assim, um neologismo, apenas pode ser considerado em relação à época em que surge;

- *Aspecto geográfico*: toda a língua de grande difusão, apesar da existência de um uso lexical comum, tem usos que variam de acordo com cada lugar. Para compreender a novidade lexical e o código linguístico onde esta ocorre, é necessário ter em conta:
  - a) O conjunto de termos funcionais comuns;
  - b) Os elementos que não pertencem a um de dois sistemas;
  - c) Os neologismos comuns;
  - d) Os neologismos específicos.
- *Aspecto social e informativo*: os vocabulários funcionam num quadro social e de acordo as situações concretas de comunicação. Um mesmo neologismo não tem o mesmo valor, o mesmo peso e a mesma importância se é próprio de uma classe de falantes ou se se emprega apenas numa fábrica pelo grupo de especialistas, num escritório, na rua ou nos lares.

### **1.6.3. Jean-Claude Boulanger**

Boulanger notabilizou-se em função da obra “ *Néologie et terminologie*” publicada em 1979. “Os seus trabalhos reflectem a situação linguística do Quebec, na qual a manutenção do francês como língua corrente de trabalho, educação e comunicação exige uma vigilância constante e, como consequência, aplica-se à neologia essencialmente no âmbito das línguas especializadas” (Antunes, 2012, p. 29).

De acordo com Boulanger (1979, citado por Antunes, 2012), a neologia, enquanto disciplina, passou a ser amplamente valorizada no começo da década de setenta do século XX na língua francesa, devido aos esforços realizados pelos serviços de normalização do Quebec. Assim, passou a ser reconhecida oficialmente como sector de investigação quando foi instaurado o Seminário de Investigação Anual sobre Neologia na Universidade de Laval, no ano de 1972. O seu trabalho prático no âmbito da neologia é, pelo que foi apresentado, mais direccionado para a descrição de neologismos terminológicos que se inserem numa investigação sobre a neologia planificada e a normalização do francês, frente ao inglês, como língua dominante no Canadá.

Em função disso, Boulanger (2010, citado por Antunes, 2012) considera a neologia como um sector essencial para a manutenção do francês e apresenta alguns critérios que definem uma palavra nova:

- Em relação ao momento da sua criação (fase que é dificilmente apreendido, mas aproximado) – quando surge oralmente;
- Quando é identificada num texto escrito pela primeira vez;
- Quando é registada pela primeira vez num dicionário, sendo esta data dependente da actualização de cada dicionário;
- Sempre que não consta na nomenclatura de um dicionário ou seja, toda a palavra que um locutor não encontra no dicionário pode ser interpretada como um neologismo, a menos que seja percebida como errada ou inexistente.

Um outro elemento a ter-se em conta é a complexidade da definição do conceito de neologia que é mostrada também de forma polissémica, podendo ser usada de diversas maneiras para designar vários conceitos:

- O processo de criação de novas unidades lexicais e novos significados através de processos morfológicos e semânticos internos ou o enriquecimento através de processos externos com recurso ao empréstimo lexical;
- O estudo teórico e aplicado das investigações lexicais ou semânticas;
- A actividade institucional organizada e planificada para criar, identificar, documentar, divulgar e implementar novas palavras;
- A tarefa de identificação dos sectores de actividades especializadas que requerem unidades lexicais especializadas importantes para preencher lacunas no seu vocabulário;
- O conjunto de relações com dicionários (gerais, especializados, monolingues e multilingues) em que há preponderância de neologismos.

Na opinião de Antunes (2012), as diferentes acepções da palavra “neologia” são discutidas detalhadamente nos trabalhos de Boulanger, que considera, tal como Guilbert, que a neologia se inscreve inequivocamente na dinâmica do

signo linguístico saussuriano e considera que os neologismos podem ser formados dos seguintes modos:

- Pela combinação inédita de morfemas, isto é, pela combinação de significantes que não existiam no acervo lexical da língua na fase da sua criação;
- Através da criação de significados inéditos, isto é, pela invenção de significados não repertoriados no instante da sua criação;
- Através do recurso ao empréstimo de um significante e/ou de um significado a uma língua estrangeira, isto é, a inserção de uma forma ou sentido que não era conhecido no momento da operação de empréstimo;
- Através de decalque que consiste num processo de incorporação, numa língua, de uma palavra ou conceito traduzido de outro idioma.

Após o seu nascimento, qualquer neologismo se torna um candidato a entrada de dicionário e são factores como a rapidez da sua difusão e recepção na sociedade que motivam a sua integração nas nomenclaturas dos dicionários, confirmando o seu valor, a sua utilidade e o seu lugar no uso, mas negando a partir desse momento, o seu carácter neológico (Antunes, 2012, p. 34).

A existência do neologismo está condicionada aos dicionários que são, no entanto, responsáveis pela *desneologização* da palavra ao fazer o seu registo. Por outra, a validação de um neologismo é sempre baseada em condições muito variadas, geralmente de natureza idiossincrónica e de origem extralinguística. Todo julgamento individual perturbará a análise e reduzirá a neologia à ideia de que as palavras novas são intrusos no léxico que se deve adaptar à sua existência.

#### **1.6.4. Teresa Cabré**

Teresa Cabré destaca-se fundamentalmente pela sua obra de referência dedicada à terminologia. “*La terminologia. Teoría, metodología, aplicaciones*” de 1993, onde a autora aborda igualmente a neologia. Ela considera a neologia como a disciplina que trata do estudo dos fenómenos linguísticos que “surgem num determinado momento na evolução de uma língua viva e que se manifesta em qualquer um dos níveis descritivos de uma língua: fonética, fonologia,

morfologia, sintaxe e léxico. Qualquer versão da neologia apenas centrada na análise da criação lexical é, portanto, reducionista” (Antunes, 2012, p. 37).

Apesar de tratar a neologia de modo geral como um fenómeno linguístico que é motivado social, psicológica e politicamente, e como um recurso imprescindível para a actualização de todo o sistema de língua, Cabré centra os seus trabalhos na neologia lexical (geral e especializada), considerando-a o caso mais frequente de inovação linguística e o exemplar mais prototípico da criatividade nas línguas (idem).

Cabré (1993, citada por Antunes 2012) considera que a neologia, enquanto disciplina, deve posicionar-se na análise de palavras, pelo menos, a partir de três perspectivas diferentes:

- A vertente linguística – todo código linguístico (ou sistema) dispõe de recursos suficientes para expressar a novidade;
- A vertente cultural – a neologia reflecte a cultura de uma sociedade ou de um grupo social, ao mesmo tempo que mostra o estado de desenvolvimento técnico e cultural de uma sociedade;
- A vertente política – para assegurar a subsistência de uma língua há que activar espontaneamente ou conscientemente recursos que a actualizem em permanência.

Sintetizando, os conceitos de neologia e neologismos apresentam alguma complexidade, podendo ser explorado de diferentes perspectivas, tal como se pode verificar nas abordagens de Guilbert, Rey, Boulanger ou Cabré, quando consideram a neologia como um fenómeno linguístico; que deve ser estudada em sincronia; é resultado da criatividade dos locutores; utiliza as regras de formação de palavras da língua; inclui também a importação de palavras de outras línguas; é um fenómeno que inclui a reutilização de palavras já existentes, atribuindo-lhes novos sentidos; é condicionada pela sociedade; revela e garante a vitalidade de uma língua.

Louis Guilbert posicionou a neologia lexical como um fenómeno linguístico que se dá num determinado momento numa língua e que se pode manifestar em qualquer um dos níveis linguísticos, salvaguardando o valor da relação entre a criatividade, o uso e a norma. Já Rey considera que a criação de um

neologismo não pode ser dissociada do seu criador (integrado numa comunidade), ligando o domínio central da neologia à morfologia e aos empréstimos, focando-se no próprio neologismo e na forma como esse surge nas línguas, considerando que todas as combinações possíveis gramaticalmente são válidas, mas são as questões socioculturais que determinam o seu uso efectivo e o seu enquadramento no léxico da língua.

Boulanger concentra-se na neologia, concretamente na criação de termos socioprofissionais, concebendo-a como um processo de criação individual ou colectivo de unidades lexicais novas pela utilização de recursos habituais de uma língua de modo consciente ou inconsciente. O neologismo vem preencher cada vazio detectado.

Caberé, partindo dos trabalhos dos autores anteriores, principalmente Boulanger, considera a neologia como um fenómeno basicamente linguístico e que, como tal, deve ser situado no âmbito das línguas que, por sua vez, são motivadas social, psicológica e politicamente. Assim, a neologia apresenta-se como recurso imprescindível para a actualização do sistema de uma língua.

### **1.7. Neologismos e sociedade**

A relação língua sociedade é intrínseca, afinal a língua é um produto social e a maneira como os indivíduos se comunicam ou como usam as palavras é influenciada pelo ambiente sociocultura que os envolve. Na perspectiva de Silva & Sousa (2017), a língua não se realiza num vácuo social. A existência da língua depende necessariamente da sociedade, da mesma forma que a sociedade não existe sem ela. Por essa razão, a relação entre língua e sociedade é de interacção, num sistema de influências. Numa sociedade estratificada, a língua não foge à estratificação.

A língua reflecte os valores, as crenças, os costumes e as tradições da sociedade. É ainda um instrumento de mudança social e permite a comunicação entre pessoas.

A tal função se constitui como relação directa e inseparável entre língua e sociedade, haja vista que para o pleno estabelecimento do que convencionalmente se conhece por sociedade se faz necessária a existência de indivíduos convivendo em harmonia e compreensível comunicabilidade. A língua e

a sociedade não são faces opostas da mesma moeda; são faces que se complementam, que juntas permeiam a própria constituição do que é ser social e vivido (Júnior, 2021, p. 3).

Isso significa que, para além de instrumento de comunicação, é igualmente uma ferramenta de mudança social. Isso se denota pelo surgimento de palavras e expressões, acréscimos ou mudanças de significados às palavras já existentes, reflectindo as mudanças sociais, culturais e políticas que ocorrem numa sociedade, daí considerar-se que o léxico de uma língua é uma expressão da cultura e da sociedade que a fala. “Sabemos que cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se no momento de sua expressão, como um produto da interacção viva das forças sociais” (Bakhtin, 2009, citado por Silva & Sousa, 2017, p. 264).

Por outra, “a língua é um espelho pelo qual se pode observar o desenho da sociedade, esta não é estática, da mesma forma que a língua não o é, ambas evoluem constantemente num processo de interacção” (Silva & Sousa, 2017, p. 264). É uma entidade viva por seguir o evoluir social e adaptar-se às necessidades dos seus usuários. Por isso, transforma-se continuamente, sem deixar de exercer a sua função primordial: instrumento de comunicação.

São os próprios falantes que, ao quererem expressar-se, podem criar um neologismo a partir de processos morfológicos de formação de palavras, afinal têm a língua interiorizada, atribuem sentidos a palavras já existentes na língua ou servem-se de vocábulos de outras línguas para representar as suas ideias.

Em suma, os neologismos constituem uma evidência da evolução da sociedade e suas necessidades. Eles podem resultar de questões culturais, eventos históricos, novas tecnologias ou de outros factores.

Ainda assim, os neologismos são maioritariamente criados com a finalidade de preencher lacunas no léxico e, para além de manifestar a evolução da língua e da sociedade, são provas da capacidade da língua de se adaptar e evoluir para atender ao dinamismo social.

## 1.8. Neologismos e literatura

A literatura manifesta-se como uma forma de arte que utiliza a linguagem para criar obras que expressam ideias, reflexões e emoções relativas à condição humana e ao mundo. Ela permite ter acesso a diferentes culturas, épocas e realidades pela via das palavras e contribuir para a transformação social.

Os costumes de uma nação têm repercussão numa língua e, por outro lado, é em grande parte a língua que constitui a nação. A língua literária ultrapassa, em todas as partes, os limites que lhe parece traçar a literatura [...]. O linguista deve também examinar as relações recíprocas entre a língua literária e a língua corrente; pois toda língua literária, produto da cultura, acaba por separar a sua esfera de existência da esfera natural, a da língua falada (Saussure, 2006, p. 20-30).

A cultura e a realidade expressas pela literatura podem manifestar-se por palavras características de uma sociedade, em muitos casos, neologismos. “O enriquecimento do léxico [...] não se pode negar que atendem às necessidades expressivas. Muitas vezes, uma nova palavra é utilizada muito mais com valor expressivo do que com o objectivo apenas de suprir uma lacuna existente no léxico” (Cardoso & Ignez, 2008, p. 4).

Guilbert (1975, citado por Cardoso & Ignez, 2008, p. 4) chamou de neologia literária ou estilística aquela que se baseia na expressividade da própria palavra ou da frase, não com o objectivo de mostrar ideias originais de uma maneira totalmente nova, mas de exprimir de uma forma inédita uma visão individual do mundo. É uma forma de criação poética pela qual se pode fabricar uma nova lexia ou dar a uma lexia já existente uma significação diferente do sentido amplo e conhecido. Essa forma de criação está relacionada com a originalidade de expressão do escritor, a sua facilidade para criar, as suas liberdades de expressão, abandonando os modelos conhecidos ou até mesmo indo contra eles. Guilbert considera esse tipo de criação como próprias de todos aqueles que têm alguma coisa a dizer e querem usar, por isso, suas próprias palavras, suas combinações de palavras. É um recurso característico dos escritores.

O neologismo estabelece uma estreita relação com contexto social em que é criado, divulgando as visões, as ideologias e as particularidades dos falantes

de uma língua. “Como as obras literárias possuem um carácter mimético, elas representam ficcionalmente as condições da sociedade em que são produzidas. Nelas, é possível encontrar personagens que representam membros de determinados grupos sociais” (Cardoso & Ignez, 2008, p. 8). Por essa razão, “nas falas das personagens, podem ser empregadas palavras utilizadas pelos grupos sociais que representam. Além disso, podem ser criadas novas palavras para caracterizar um grupo retratado na obra. Tais criações podem obter um efeito expressivo” (idem).

Assim, a relação entre neologismo e literatura obtém o seu valor pelo facto de ser necessário, prático e expressivo. É por essa razão que Cardoso & Ignez (2008) consideram que o escritor, usando determinadas formações, consegue o que a maioria dos falantes não vai conseguir nunca: fazer suspirar, lagrimar, sorrir... a admiração do grande público. Nessa perspectiva, a língua não se presta só à comunicação, mas também é através dela que se encontra momentos emocionantes.

### **1.9. Tipos de neologismos**

Vários factores determinam a classificação dos neologismos. Esses critérios podem variar em função dos objectivos de quem se propõe a estudá-los, independentemente da via de origem dos neologismos (criados a partir de processos já existentes na língua ou vindos de outras línguas), da sua forma (palavras inteiras, abreviaturas, siglas, acrónimos, híbridos ou calques), da sua natureza (substantivo, adjectivo, verbos), da sua área de conhecimento (medicina, industria, tecnologia, educação, comércio...), da frequência de uso (em função da sua popularidade e extensão de uso), da aceitação (aceitação ou não pelos falantes; adequado ou não para uso em determinado contexto) ou quanto à novidade que apresentam (lexical, semântico...).

Antunes (2012) classifica os neologismos quanto ao *tipo de novidade* que apresentam, quanto à *via de criação*, quanto à *função de criação* e ao *meio de criação*.

#### **1.9.1. Quanto ao tipo de novidade**

Quanto ao tipo de novidade que o neologismo apresenta, classifica-se em:

- *Neologismo formal* – uma palavra que apresenta novidade formal ou é construída através do recurso a processos morfológicos e/ou sintácticos de construção de palavras, ou é importada;
- *Neologismo semântico* – uma palavra que apresenta novidade semântica adquire uma acepção diferente da que tinha;

### 1.9.2. Quanto à via de criação

Quanto a via de criação o neologismos classifica-se em:

- *Neologismo espontâneo* – quando a novidade é usada como recurso para preencher vazios denominativos ou para introduzir variações estilísticas. Ela surge sem que se verifique uma necessidade específica e pode ser consequência de um acto totalmente inconsciente, ou, pelo contrário, da necessidade de chamar a atenção do destinatário ou tornar o seu discurso mais original, isto é, com uma função expressiva e não necessariamente denominativa, como acontece na neologia planificada;
- *Neologismo planificado* – é resultado de um acto institucional, proporciona a uma língua recursos de expressão e comunicação próprios. É criado com o objectivo de preservar a língua, dotando-a de denominações próprias para o conceito que vão surgindo e, conseqüentemente, com recursos de comunicação próprios, ou ainda para erradicar uma denominação que não seja considerada a mais adequada.

### 1.9.3. Quanto à função de criação

Quanto à função de criação o neologismo pode ser:

- *Neologismo denominativo* – criado pela necessidade de dar nome a um objecto ou conceito novo;
- *Neologismo estilístico* – resulta de uma procura de expressividade do discurso para traduzir ideias não originais de uma maneira nova ou para exprimir de forma inédita uma visão pessoal do mundo. Esses neologismos surgem apenas ao nível do discurso;

- *Neologismo de língua* – corresponde às unidades lexicais do discurso, definidas pelas regras morfossintáticas que, por sua vez, se regem pela combinação por morfemas lexicais e formam unidades lexicais novas.

#### 1.9.4. Quanto ao meio de criação

Relativamente ao meio de criação, os neologismos podem ser criados a partir do recuso a dois meios de inovação morfológica:

- *Produtividade* – capacidade que o falante possui para a construção de unidades novas através de recursos a processos morfológicos de derivação, composição ou lexicalização;
- *Criatividade* – capacidade que o falante possui para alargar o sistema linguístico, de forma consciente, por meio de princípios de abstracção e comparação imprevisíveis, mas motivados.

Por outra, segundo Correia (2003b, citado por Antunes, 2012), o neologismo resultante da criatividade caracterizado por: ser resultante da manipulação consciente do material morfológico, isto é, por resultar de processos *deformacionais*; ser dependente do contexto; com poucas possibilidades de se fixar na língua; os processos que lhe dão origem não são aplicáveis de forma sistemática; a regularidade do processo que lhe dá origem não é consensual.

Servindo-se da produtividade e da criatividade, Antunes (2012) procura distinguir o objecto de estudo da morfologia e da neologia e considera que a primeira trata do sistema, das regras e da sua descrição num plano abstracto, a segunda estuda a aplicação concreta dos seus produtos, confirma a sua validade, atesta a sua efectiva produtividade e disponibilidade. Daí considerar que “o conhecimento dos usos lexicais permite conhecer as línguas com base naquele que é o uso real dos falantes, contribuindo para explicar o sistema, quer ao nível das relações entre o plano linguístico e denotativo, quer ao nível da questão sócio-histórica e da observação da variação” (idem).

## **CAPITULO II – ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS**

## CAPÍTULO II – ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS

Neste segundo capítulo fez-se a análise e o tratamento dos dados, começando pelo *corpus*, apresentando-se as obras literárias analisadas, os critérios de selecção do *corpus*, a apresentação e a classificação dos neologismos identificados e, finalmente, a análise e o tratamento dos dados obtidos pela via de inquéritos por questionário aos professores de Língua Portuguesa da Escola de Formação de Professores «Comandante Liberdade» do Lubango.

### 2.1. Procedimentos metodológicos

Definir-se uma unidade como neologismo implica certos critérios, assim como o *factor temporal*, que, no entanto, pode ser “uma alusão bastante vaga, no sentido em que não é possível delimitar com rigor o que se entende por criação recente sem referência a um momento preciso. Para limitar o conceito de neologismo a um factor temporal teremos de definir que tempo é esse” (Antunes, 2012, p. 56).

Outro critério é o *psicológico*. “Uma palavra é nova, de acordo com este parâmetro, se for sentida pelos falantes como tal, baseando-se, deste modo, num juízo colectivo que supere os diferentes níveis de competência que estes têm” (idem, p.57). Por essa razão, esse factor pode ser visto como vago e arbitrário, afinal “o julgamento dos falantes diverge necessariamente” (idem, idem).

Por outro lado, há o *critério lexicográfico*, através do qual uma unidade é considerada como um neologismo se não figurar na nomenclatura de dicionários actualizados e seleccionados para o efeito. “Trata-se de um critério objectivo, de facto, todavia depende das características dos dicionários que servem como *corpus* de exclusão” (idem, p.59). Contudo, segundo Jesus (2021), esse critério lexicográfico apresenta limitações principalmente com relação a detecção de neologismos semânticos, uma vez que estes surgem quando um novo sentido é atribuído a uma forma já estabelecida na língua, ou seja, já registada nas obras lexicográficas.

Nesta pesquisa, foram consideradas (como base para o *corpus*) obras literárias angolanas. A representatividade incluiu desde obras de autores clássicos; de autores mais categorizados ou não; cânone ou não.

Depois de identificados os possíveis neologismos a partir do *corpus* de extracção (obras literárias angolanas), seleccionou-se o corpus de exclusão, em função do português europeu, a partir dos seguintes dicionários *online*:

- *Léxico: Dicionário de Português*

O Léxico é um dicionário de português *online* com mais de 320.000 palavras registadas. Apresenta milhares de significados, definições, sinónimos e antónimos de vocábulos do português europeu.

- *Dicionário da Língua Portuguesa*

É um dicionário da Porto Editora, *online*, com mais de 120.000 entradas. Os seus conteúdos estão em permanente actualização, razão pela qual o seu acesso implica uma ligação activa à internet.

Recorreu-se também aos inquéritos por questionário, distribuídos a todos os professores da 11<sup>a</sup> classe/especialidade da Escola de Formação de Professores «Comandante Liberdade» do Lubango que o aceitaram de bom grado. Nesse instrumento constaram questões fechadas e abertas, com a seguinte estrutura: uma parte introdutória que especificou os seus objectivos; pelo bloco *I – Dados pessoais*; pelo bloco *II – Questões gerais* e bloco *III – Percepção sobre o tratamento de neologismos nas aulas de Língua Portuguesa*.

A razão da escolha dos professores da escola em causa como população prende-se fundamentalmente pelo facto de ser Escola de Formação de Professores de Português e ser Escola de Referência; pelo facto do Programa de Língua Portuguesa da 11<sup>a</sup> Especialidade apresentar «neologismos» como um dos conteúdos.

Em suma, a nossa pesquisa é qualitativa e quantitativa.

**Tabela 1 - Constituição do Corpus**

<b>Tipo de corpus</b>	Corpus monolíngue	Escrito em língua portuguesa
<b>Objectivo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Linguístico</li> <li>• Didáctico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Descrever os neologismos no corpus;</li> <li>• Contribuir para o seu tratamento nas aulas de Língua Portuguesa.</li> </ul>
<b>Configuração</b>	Obras com neologismos analisados	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 29 obras</li> </ul>
	Formato	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Textos escritos, em formato físico.</li> </ul>

### 2.1.1. Obras literárias consultadas

Durante a pesquisa, consultou-se diversas obras literárias de autores listados como escritores angolanos. Essa amostra foi construída com base nas obras que constituem os *Onze Clássicos da Literatura Angolana*; Algumas obras referenciadas pela *União de Escritores Angolanos*; Obras disponíveis no site da *Academia de Autores da Huíla* e no site *A Miranda*; obras de autores locais.

Das várias obras consultadas, foram apresentadas apenas as que apresentaram unidades neológicas.

Essas obras são:

- *A Árvore dos Gingongos* (2011) de Maria Celeste Fernandes;
- *A Cidade e a Infância* (1985) de Luandino Vieira
- *A geração da Utopia* (2013) de Pepetela
- *A Morte do Velho Kipacaça* (2014) de Boaventura Cardoso;
- *Amálgama D´alma* (2013) de Paulino Soma;

- *Angola Angolê Angolema* (1988) de Arlindo Barbeitos
- *Era uma Vez... que eu não conto outra vez* (1987) de Octaviano Correia
- *Estórias de Contratados* (1988) de Costa Andrade
- *Luuanda* (2014) de Luandino Vieira;
- *Mestre Tamoda e Outros Contos* (2014) de Uanhenga Xitu
- *João Venâncio: os seus amores* (2004) de Luandino Vieira;
- *O Cão e os Calús* (1988) de Pepetela
- *O Ministro* (1990) de Uanhenga Xitu
- *O Planalto do Kissonde* (2013) de Jorge Arrimar
- *O Planalto do Salaé* (2012) de Jorge Arrimar
- *O Segredo da Morta* (2014) de António de Assis Júnior
- *Os transparentes* (2013) de Ondjaki
- *Pedidos só no Cemitério* (2015) de Adalberto Luacuti;
- *Permanência* (1979) de António Abreu
- *Poemas* (2015) de António Jacinto
- *Poemas* (2003) de Viriato da Cruz
- *Quem me Dera Ser Onda* (1999) de Manuel Rui
- *Sagrada Esperança* (2014) de Agostinho Neto;
- *Seios e ventres* (2020) de Kanguimbo Ananaz
- *Sobreviver em Tarrafal de Santiago* (2014) de António Jacinto
- *Vidas Novas* (1985) de Luandino Vieira;
- *Uanga (feitiço)* (2009) de Óscar Ribas
- *Viver e Morrer em Angola* (2011) de Paulino Soma;
- *Ynari* (2004) de Ondjaki.

## **2.2. Neologismos identificados**

Depois de identificados os possíveis neologismos a partir do *corpus* de extracção (obras literárias angolanas), seleccionou-se unidades neológicas que foram classificadas quanto ao *tipo de novidade*. Relativamente aos outros tipos, uma vez que todas as unidades neológicas são expressivas, foram classificados como: espontâneos (quanto à via de criação); estilísticos (quanto a função de criação) e criatividade (quanto ao meio de criação).

Os neologismos confirmados são:

- *acamar* (neologismo semântico) = baixar; fazer descer  
“Tentou *acamar* o cabelo...” Pepetela (2013, p. 261)
- *acome* (neologismo formal) = afinal  
“- Epa, *acome*, se nós não vermos bem...” Soma (2011, p. 94)
- *ajoelhaclinada* (neologismo formal) = ajoelhada + inclinada  
“Sou esta poesia ajoelhaclinada...” Soma (2013, p. 19)
- *aka!* (neologismo formal) = ah!  
“*Aka!* Era mesmo cágado?” Cardoso (2014, p. 47)
- *altifricalma* (neologismo formal) = alta + fria + calma  
“Em noite *altifricalma*...” Soma (2013, p. 19)
- *ama´ééé* (neologismo formal) = oh minha mãe!  
“...Nikila *cai no choro aberto, ama´ééé!*” Cardoso (2014, p. 34)
- *amarrar* (neologismo formal) = estudar  
“...um gajo não podia *amarrar* com a barriga vazia...” Soma (2011, p. 73)
- *anga* (neologismo formal) = afinal  
“- Netinha, *anga* mbi você esta wa mina? Soma (2011, p. 236)
- *antão* (neologismo formal) = então  
“*Antão*, veia, hoje nada?” Cruz (1961, p. 304)
- *aquilo* (neologismo semântico) = órgão genital  
“...ele nasceu sem *aquilo*, ao que dizem.” Pepetela (2013, p. 38)
- *arrear* (neologismo semântico) = despir  
“E quis-lhe *arrear*, veja só!” Vieira (2014, p. 26)
- *atata* (neologismo formal) = meus senhores  
“*Atata!* Morreu o velho Kipacaça!” Cardoso (2014, p. 57)

- *aturi* (neologismo formal) = viúvas  
 “Eram as *aturi*.” Júnior (2014, p. 49)
- *azuelangó* (neologismo formal) = só baboseiras  
 “...lixo da baixa, falavam; *azuelangó*...” Vieira (2004, p. 43)
- *baba* (neologismo formal) = pistola  
 “Toma a *baba*.” Soma (2011, p. 76)
- *bago* (neologismo semântico) = bala  
 “Se olhas p´raqui levas dois *bagos* na cabeça...” Soma (2011, p. 65)
- *baicar* (neologismo formal) = morrer  
 “...não duraram muito. *Baicaram!*” Soma (2011, p. 69)
- *bala* (neologismo semântico) = disparo  
 “...*bala* de colono não escolhe.” Andrade, (1988, p. 48)
- *barriga* (neologismo semântico) = gestação  
 “...a *barriga* já vai fazer três meses...” Soma (2011, p. 237)
- *tá bater* (neologismo semântico) = na moda, está actualizado  
 “...cinto de favela já num *tá bater*.” Luacuti (2015, p. 128)
- *bazar* (neologismo semântico) = ir  
 “Desde que o colono *bazou*...” Pepetela (1988, p. 84)
- *beef* (neologismo formal) = ofensa, indirecta  
 “Isso assim já é *beef!*” Luacuti (2015, p. 71)
- *bichoroco* (neologismo formal) = bichinho  
 “...vive nesta bela casa *bichoroco*...” Correia (1987, p. 26)
- *bijou* (neologismo formal) = jóia  
 “Denise tinha vinte anos e era um *bijou*.” Pepetela (2013, p. 30)

- *dikoso* (neologismo formal) = substância untuosa para fins mágicos ou medicinais

“...friccionado com esse *dikoso*...” Xitu, (2014, p. 38)

- *bitola* (neologismo formal) = cerveja

“...o melhor é relaxar com uma *bitola*.” Luacuti (2015, p. 169)

- *bizno* (neologismo formal) = coisa; negócio

“Deixa-me te dizer um *bizno* que te servirá de conselho...” Soma (2011, p. 69)

- *bonhono* (neologismo formal) = idiota

“...és um parado, «*bonhonho*»...” Luacuti (2015, p. 118)

- *boter* (neologismo formal) = carro

“...a conduzir um *boter*...” Luacuti (2015, p. 67)

- *buelelé* (neologismo formal) = muitíssimo

“...as armas ainda eram *buelelé*.” Soma (2011, p. 313)

- *buibuilar* (neologismo formal) = rugir

“vai ouvir um quimbanda a *buibuilar*...” Xitu (2014, p. 35)

- *bulungo* (neologismo formal) = pó feito de raízes com poderes sobrenaturais

“-Vamos ngó beber bulungo!” Cardoso (2014, p. 53)

- *bundar* (neologismo formal) = intercalar

“...com os seus contemporâneos *bundava*...” Xitu (2014, p. 7)

- *cacimbo* (neologismo semântico) = anos de vida; tristeza

“...nos seus 55 *cacimbos*, nada semelhante lhe havia acontecido.” Luacuti (2015, p. 19)

“...calor suficiente para evaporar todos os *cacimbos*.” Pepetela (2013, p. 49)

- *caenche* (neologismo formal) = musculoso  
 “Os *caenches* de repente ganharam importância...” Luacuti (2015, p. 174)
- *cafocolo* (neologismo formal) = algibeira  
 “Foi ao *cafocolo* e tirou 3 mil Conchas.” Luacuti (2015, p. 20)
- *calmaí* (neologismo formal) = espera  
 “-*Calmaí*, mboa! Quem disse...” Luacuti (2015, p. 70)
- *caluquembiana* (neologismo formal) = de Caluquembe  
 “...rico morador das *caluquembianas* terras.” Arrimar (2012, p. 25)
- *campuna* (neologismo formal) = do campo  
 “Tia, deixa esses *campunas* ir no café.” Pepetela (1988, p. 28)
- *candongueiro* (neologismo formal) = táxi; negociante  
 “Regressando a casa de *candongueiro*...” Luacuti (2015, p. 112)
- *caneca* (neologismo semântico) = bebedeira  
 “A gente quando se põe nas nossas *canecas*...” Soma (2011, p. 203)
- *canhé* (neologismo formal) = brincadeira infantil  
 “...não foi brincar jó ou *canhé* nesse dia.” Soma (2011, p. 118)
- *canjavite* (neologismo formal) = machadinha  
 “...empunhando um [...] *canjavite*...” Cardoso (2014, p. 59)
- *casucuteiro* (neologismo formal) = bandido  
 “...que esses *casucuteiros* sabotem o meu trabalho.” Luacuti (2015, p. 31)
- *cassule* (neologismo formal) = último filho; irmão mais novo  
 “...os último, os *cassules*.” Fernandes (2015, s. p.)
- *chifuta* (neologismo formal) = fiska  
 “Não se esqueciam das *chifutas*, para caçar algumas rolas...” Soma (2011, p. 11)

- *chimbicar* (neologismo formal) = impelir  
 "...canoa *chimbicada* na luz trémula..." Abreu (1979, s.p.)
- *chupar* (neologismo formal) = consumir bebida alcoólica; embebedar-se  
 "...Jolas Katana «*chupava* feio» o seu vinhito..." Luacuti (2015, p. 41).
- *cilunlu* (neologismo formal) = fantasma  
 "- Grande *cilunlu*..." Soma (2011, p. 109)
- *coco* (neologismo semântico) = pensamento; cabeça  
 "...a martelar-lhe o *coco*..." Luacuti (2015, p. 131)
- *comé* (neologismo formal) = olá; como estás  
 "-*Comé*, mboa?" Luacuti (2015, p. 71)
- *comer* (neologismo semântico) = copular; tirar proveito  
 "...a oportunidade de *comer* uma francesa." Pepetela (2013, p.30)  
 "...para todos os parentes *comerem*." Xitu (1990, p. 103)
- *coxe* (neologismo formal) = pouco  
 "...que eram ainda bué *coxitos*." Soma (2011, p. 72)
- *cowboy* (neologismo formal) = vaqueiro  
 "...fivela grossa de *cowboy* eles tiraram..." Luacuti (2015, p. 40)
- *cuyar* (neologismo formal) = cuiar  
 "...me *cuya* feio!" Soma (2011, p. 69)
- *cum* (neologismo formal) = com  
 "...ninguém resolve o prubulema qui tás *cum* ele." Luacuti (2015, p. 131)
- *di* (neologismo formal) = de  
 "..cabeça encarnada – *di* bico..." Vieira (1985a, p. 114)
- *dibunda* (neologismo formal) = embrulho de pano com pós feiticistas  
 "...um galo vivo no centro do campo e uma *dibunda* de mukasu..." Xitu (2014, p. 34)
- *desmontar* (neologismo semântico) = revistar; assaltar

“Armando, te *desmontaram*, escreveu.” Luacuti (2015, p. 40)

- *dikoko* (neologismo formal) = pequeno recipiente com substâncias mágicas

“...água temperada, de um *dikoko* especial.” Xitu (2014, p. 38)

- *dikulu* (neologismo formal) = problema

“...para não aumentar o *dikulu*...” Luacuti (2015, p. 101)

- *dilonga* (neologismo formal) = prato

“...um prato (*dilonga*) para todos...” Xitu (1990, p. 103)

- *dizanda* (neologismo formal) = carnaval

“...das danças de *dizanda*...” Xitu (2014, p. 36)

- *disanga* (neologismo formal) = pote grande de barro

“levou a sua *disanga* às costas...” Xitu (2014, p. 65)

- *dnics* (neologismos formais) = Direcção Nacional de Investigação Criminal – DNIC

“...passam a vida nas *dnics*, cadeias...” Luacuti (2015, p. 108)

- *doutoro* (neologismo formal) = doutor

“O *doutoro* juiz chama-me...” Vieira (2004, p. 50)

- *ekovo* (neologismo formal) = pessoa morta que se pode transformar em pássaro ou outro animal e que pode ser ordenada por quem a matou para buscar comida nos celeiros ou lavras, às vezes, a grandes distâncias.

“...quer lhe virar um *ekovo*.” Soma (2011, p. 110)

- *eleñalo* (neologismo formal) = camaleão

“As vossas *tchilembias* não podem se misturar com o *eleñalo*...” Soma (2006, p. 111)

- *em* (neologismo semântico) = a

“...novos que «tão» a dar *nos* chefes.” Luacuti (2015, p. 67)

- *éme* (neologismo formal) = MPLA

“Sabemos que és do *Éme*, não é?” (Soma 2005, p. 129)

- *enh* (neologismo formal) = hein; hã

“Onde é que já se viu, *enh* [...]?” Cardoso (2014, p. 31)

- *entornar* (neologismo semântico) = embebedar-se

“Ontem *entornei* bué...” Luacuti (2015, p. 129)

- *ekuambo* (neologismo formal) = tipo de cabaça para armazenar água ou outros produtos líquidos

“...duas últimas cabaças de quissângua e o *ekuambo*.” Soma (2011, p. 23)

- *eua* (neologismo formal) = ué; eita

“- *Eua!*” Cardoso (2014)

- *extranamoro* (neologismo formal) = fora do namoro

“...escondia bem as suas aventuras *extranamoro*.” Pepetela (2013, p. 30)

- *faine* (neologismo formal) = bom/a

“És *faine!*” Pepetela (1988, p. 143)

- *faxavor* (neologismo formal) = faz favor

“Não, *faxavor*, Ngoma.” Soma (2011, p. 54)

- *fazer* (neologismo semântico) = copular

“Esse homem só sabe *fazer* as raparigas!” Vieira (2014, p. 26)

- *fémily* (neologismo formal) = família

“Quase toda a minha *fémily* diz ser religiosa.” Soma (2011, p. 70)

- *fezada* (neologismo formal) = sorte

“...a *fezada* do Jolas Katana.” Luacuti (2015, p. 139)

- *fraco* (neologismo semântico) = sem dinheiro  
 “Puto, tó *fraco*.” Luacuti (2015, p. 128)
- *fúmbua* (neologismo formal) = folhas da mfumbua usadas na culinário bacongo  
 “...tosta feita na hora, *fúmbua*...” Luacuti (2015, p. 32)
- *galar* (neologismo formal) = ver; observar  
 “...ainda vais *galar* muitas mortes por aí...” Soma (2011, p. 70)
- *gamar* (neologismo semântico) = roubar  
 “...quando não podia *gamar* a massa dele.” Soma (2011, p. 71)
- *gardina* (neologismo formal) = calças  
 “...outros com *gardinas* de marca, grand´as tilhas.” Soma (2011, p. 71)
- *gingongo* (neologismo formal) = gémeo  
 “No dia em que os *gingongos* [...] nasceram...” Fernades (2015, s. p.)
- *goerno* (neologismo formal) = governo  
 “Este Sr. do *Goerno*...” Luacuti (2015, p. 144)
- *goguenha* (neologismo formal) = farinha de mandioca com leite  
 “...entre apertos / saboreia gonguenha” Ananaz (2020, p. 27)
- *grego* (neologismo semântico) = bandido  
 “...se, na quixima, os *gregos* recebiam tudo?” Luacuti (2015, p. 165)
- *guerrasgar* (neologismo formal) = guerra + rasgar  
 “E não *guerrasgar* vidas...” Soma (2013, p. 25)
- *gueta* (neologismo formal) = branco  
 “- Vai´mora, *gueta* da tuji!” Vieira (2014, p. 106)
- *haká* (neologismo formal) = interjeição de dor ou admiração

“- *Haká!* Quem te disse que eu vou te pedir uma coisa...” Soma (2011, p. 49)

- *hamba* (neologismo formal) = soba; rei

“..diante da grande porta da ombala fortificada da *hamba*...” Arrimar (2013, p. 27)

- *homem* (neologismo semântico) = marido

“E o seu homem?” Vieira (2014, p. 22)

- *hoxa* (neologismo formal) = sonolência

“...o número dos que morreram de *hoxa*...” Júnior (2014, p. 52)

- *humbi-humbi* (neologismo formal) = húmbi

“O *humbi-humbi* preso, nas gaiolas, morre.” Ondjaki (2004, p. 23)

- *imbamba* (neologismo formal) = tralha; bagagem

As suas *imbambas* foram enviadas para o chefe...” Arrimar (2012, p. 23)

- *inquipa* (neologismo formal) = equipa

“As monhas *inquipas* perderam.” Luacuti (2015, p. 129)

- *isalelu* (neologismo formal) = ramos

“...ornamentado com flores de miloza, com *isalelu*...” Xitu (2014, p. 33)

- *jelê-lêlêlê* (neologismo formal) = onomatopeia

“O grilo: *jelê-lêlêlê*...” Cardoso (2014, p. 47)

- *jihui* (neologismo) = espírito

“...descer os *jihui* do Velho Kipacaça ausente...” Cardoso (2014, p. 57)

- *jimbongo* (neologismo formal) = dinheiro

“...tinham de levar algum *jimbongo*.” Soma (2011, p. 396)

- *jimbala* (neologismo formal) = paus para a construção de casas

“...estavam sentados sobre tungu de *jimbala* que servia de banco...” Xitu (2014, p. 34)

- *jinzeue* (neologismo formal) = formiga brava de cor preta

“Parecia uma fila de *jinzeue* que senguenava naquele caminho...” Xitu (2014, p. 40)

- *jinvuji* (neologismo formal) = feitiço que faz encher a barriga de água

“No princípio atribuiu-se à acção do *jinvunji*...” Júnior (2014, p. 38)

- *kachibembe* (neologismo formal) = aguardente

“...bebendo *kahipembe* e olhando o velho.” Pepetela (2013, p. 144)

- *kahála* (neologismo formal) = coitado

“É um bandido, *kahála*.” Xitu (2014, p. 18)

- *kalukuta* (neologismo formal) = rebita

“Tinha também *kalukuta*...” Cardoso (2014, p. 59)

- *kalunga* (neologismo formal) = eternidade

“E *kalunga* pode apenas ser o alcançar da vida...” Soma (2013, p. 105)

- *kamundongo* (neologismo forma) = habitante do Reino do Ndongo

“Os crimes cometidos pelos *kamundongos*...” Pepetela (2013, p. 165)

- *kandimba* (neologismo formal) = coelho

“Tu hoje estás a querer ser uma *kandimba* muito esperta.” Soma (20, p. 49)

- *kanekulo* (neologismo formal) = neto

“...devolveres a paz da minha *kanekulo*, está bem?” Soma (2011, p. 39)

- *kangala* (neologismo formal) = indivíduo do Leste de Angola

“Os guerrilheiros são lutzaze, *kangala* ou mesmo tchokwe.” Pepetela (2013, p. 209)

- *kaporroto* (neologismo formal) = aguardente

“Aqui só tenho kacipembe que é mesmo que em Luanda se chama *kaporroto*.” Pepetela (2013, p. 231)

- *katuanzenze* (neologismo formal) = gritos

“Os gritos (*katuanzenze*) eram testemunhas...” Xitu (1990, p. 184)

- *kaume* (neologismo formal) = amigo

“...*kaume* kange! Eram essas as palavras...” Vieira (1985b, p. 153)

- *kanvuanza* (neologismo formal) = confusão

“...opunha-se à *kanvuanza* que registava em casa.” Xitu (2014, p. 107)

- *kazola* (neologismo formal) = sorte

“Todos os santos de *kazola*...” Xitu (1990, p. 121)

- *kazukuta* (neologismo formal) = cazucuta

“Ansiedade na *kazukuta*...” Neto (2014, p. 20)

- *kilapanga* (neologismo formal) = quilapanga

“E ressuscito na maré alta da tua *kilapanga*...” Sapyruka (1959, p. 364)

- *kilapi* (neologismo formal) = dívida

“- *Kilapi* só faço com um adiantamento de cumbú...” Ondjaki (2013, p. 24)

- *kilengue* (neologismo formal) = natural de Quilengues

“Umas vezes tchokwes, mwuilas ou *kilengues*...” Andrade (1988, p. 19)

- *kimbu* (neologismo formal) = quimbo

“Talvez de *kimbu*, de sekulo.” Pepetela (2013, p. 254)

- *kimenemene* (neologismo formal) = matinal

“...com *kimenemene* perfume de libertação...” Macedo (1974, s.p.)

- *kimbanda* (neologismo formal) = quimbanda

“...não inventem histórias/ de Santas e kimbandas...” Rocha (2005, p. 593)

- *kindamba* (neologismo formal) = armadilha para onças  
 “Kipacaça se aproximou da *kindamba*...” Cardoso (2014, p. 59)
- *kinaile* (neologismo formal) = roupa interior  
 “...vissem a cor do meu *kinaile*...” Luacuti (2015, p. 40)
- *kingumbe* (neologismo formal) = dança colectiva e cadenciada ao som do batuque  
 “Tinha também [...] *kingumbe*...” Cardoso (2014, p. 59)
- *kingundo* (neologismo formal) = hidromel  
 “...tem também wala e *kingundo*.” Cardoso (2014, p. 55)
- *kinjila* (neologismo formal) = problema  
 “...*kinjila* mastigando revoltas...” Macedo (1974, s.p.)
- *kioco* (neologismo formal) = quioco  
 “...dos *kiocos* contratados...” Neto (2014, p. 18)
- *kissaka* (neologismo formal) = dança feminina  
 “Tinha também [...] *kissaka*...” Cardoso (2014, p. 59)
- *kissonde* (neologismo formal) = formiga voraz  
 “...com mandíbulas menores que o *kissonde*.” Pepetela (2013, p. 238)
- *kixibu* (neologismo forma) = cacimbo  
 “...e também tempo de cacimbo (*kixibu*)...” Xitu (1990, p. 92)
- *kizenga-zenga* (neologismo formal) = tipóia  
 “...daqui o camarada vai de *kizenga-zenga*...” Xitu (1990, p.186)
- *komba* (neologismo formal) = velório  
 “...do mais doído vento/sem batuque nem *komba*...” Rocha (2005, p. 593)
- *kuatcha* (neologismo formal) = guerrilheiro ou militante da UNITA  
 “...já te vi bondar os *kuatchas*.” Soma (2011, p. 70)

- *kujikinina* (neologismo formal) = desaparecer lentamente  
 “...*kijikininando*, se indo embora.” Cardoso (2014, p. 45)
- *kuanzática* (neologismo formal) = que é do Cuanza  
 “...águas *kuanzática* em ebulição...” Ananaz (2020, p. 30)
- *kupapata* (neologismo formal) = mototáxi  
 “...préstimos de um *kupapata* expedito.” Luacuti (2012, p. 52)
- *kuassakuassa* (neologismo formal) = estilo musical  
 “Deu uns toques de *kuassakuassa*...” Luacuti (2015, p. 68)
- *kuxukulula* (neologismo formal) = olhar com rancor ou ódio  
 “He! Kapiapia só disse: olhar *kuxukululante*.” Cardoso (2014, p. 51)
- *laháku* (neologismo formal) = sapato  
 “- *Laháku* ou sapato.” Cardoso (2014, p. 61)
- *laifar* (neologismo formal) = estar bem de vida  
 “Entregou a sua mulher no feiticeiro para se *laifar*...” Luacuti (2015, p. 146)
- *laive* (neologismo formal) = vida  
 “...que salvasse a sua *laive* e me deixasse lá...” Soma (2011 p. 68)
- *lalalear* (neologismo formal) = cantarolar apenas com a sílaba «lá»  
 “...às vezes, apenas *lalaleava*.” Soma (2011, p. 235)
- *lambelar* (neologismo formal) = cobrir as coxas com pano  
 “*Lambelavam* apenas o meio das pernas...” Soma (2011, p. 188)
- *le* (neologismo formal) = lhe  
 “...general JK que *le* desmontaram tudo...” Luacuti (2015, p. 129)
- *lenga-lenga* (neologismo formal) = lentidão; atraso  
 “Lá vens tu com a tua *lenga-lenga*...” Pepetela (2013, p. 68)
- *levar* (neologismo semântico) = ter cópula

“O esperma alojado no umbigo [...] Disse-lhe: «Levaste!» Luacuti (2015, p. 19)

- *lhe* (neologismo semântico) = o; a

“*Lhe* abracei ngó...” Cardoso (2014, p. 43)

- *liambar* (neologismo formal) = fumar liamba

“Um gajo *liambava* de verdade.” Soma (2011, p. 71)

- *literaestrada* (neologismo formal) = literatura + estrada

“Na *literaestrada*...” Soma (2013, p.18)

- *luimbe* (neologismo formal) = língua pertencente ao grupo dos ganguelas

“...estórias *luimbes* e tchokwes.” Andrade (1988, p. 43)

- *lundongo* (neologismo formal) = dança dos velhos caçadores

“...e dançante tinha *lundongo*...” Cardoso (2014, p. 59)

- *lutxaze* (neologismo formal) = indivíduo do Leste de Angola

“Os guerrilheiros são *lutxaze*, kangala ou mesmo tchokwe.” Pepetela (2013, p. 209)

- *mabeni* (neologismo formal) = seios

“Notários com nomes [...] *mabeni*...” Xitu (1990, p. 311)

- *macompanhar* (neologismo formal) = acompanhar-me

“... o Sr. Vai ter de *macompanhar* até nasquadra.” Luacuti (2015, p.131)

- *macopo* (neologismo formal) = dança do Leste e Sul de Angola

“oh êxtase/ dum *macopo* fantasma...” Barbeitos (1988, p. 35)

- *maié* (neologismo formal) = interjeição

“- *Maié*... - gritou surpresa a Tia Katumbo...” Soma (2011, p.28)

- *maieni* (neologismo formal) = seios

“Notários com nomes [...] *maiêni* em kikongo” Xitu (1990, p. 311)

- *mahine* (neologismo formal) = leite azedo e natural

“...a cabaça de *mahine* para dar às filhas...” Correia (1987, p. 14)

- *mais-velho* (neologismo formal) = soba; idoso

“-Bom dia, *mais-velho* – Ynari cumprimentou.” Ondjaki (2004, p. 230)

- *malaiki* (neologismo formal) = ruim, mau

“..e se esta realidade é *malaiki*...” Soma (2011, p. 69)

- *maka* (neologismo formal) = problema

“Deu *maka*.” Rui (1999, p. 30)

- *male* (neologismo formal) = mal

“Ela está *male*, muito *male*...” Soma (2011, p. 110)

- *malembe-malembe* (neologismo formal) = malembe

“*Malembe-malembe!*... O leão tem cauda...” Vieira (2004, p.32)

- *maluvu* (neologismo formal) = bebida alcoólica do palmar

“...bebida alcoólica do palmar (*maluvu*)...” Xitu (1990, p. 39)

- *masé* (neologismo formal) = ênfase

“É *masé* um chato, disse Victor.” Pepetela (2013, p. 33)

- *massuika* (neologismo formal) = duas pedras que suportam uma panela ao cozinhar

“...seios enrolados / *massuika* do amor...” Ananaz (2020, p. 53)

- *mataku* (neologismo formal) = ânus

“Notários com nomes [...] *mataku*...” Xitu (1990, p. 311)

- *material* (neologismo semântico) = pênis

“...apalpando-os, sobretudo, no *material*...” Luacuti (2015, p. 41)

- *matuba* (neologismo formal) = testículos  
 “Notários com nomes [...] *matuba*...” Xitu (1990, p. 311)
- *matuji* (neologismo formal) = fezes  
 “Notários com nomes *matuji*...” Xitu (1990, p. 311)
- *maxaxa* (neologismo formal) = aguardente  
 “Tem *maxaxa* escorrendo pelas goelas...” Cardoso (2014, p. 55)
- *mba* (neologismo formal) = mas, porém  
 “- Ah, *mba* o pai Ngandu!” Soma (2011, p. 23)
- *mbambi* (neologismo semântico) = antílope pequeno  
 “...sem *mbambi* negro...” Pepetela (2013, p. 161)
- *mbeyar* (neologismo formal) = baloiçar-se na carroçaria de um carro  
 “...a espera de um tuku-tuku para *mbeyar*.” Soma (2011, p. 290)
- *mbi* (neologismo formal) = talvez  
 “- *Mbi* não estás nos céus, *mbi* não estás lá.” Soma (2011, p. 34)
- *mboa* (neologismo formal) = moça  
 “-Calamaí, *mboa*! Quem disse...” Luacuti (2015, p. 70)
- *mbora* (neologismo formal) = termo para enfatizar  
 “...dá só *mbora* o mó carro.” Luacuti (2015, p. 83)
- *mbuanga* (neologismo formal) = guerra  
 “A *mbuanga* estava cada vez mais acesa.” Soma (2011, p. 303)
- *mbueti* (neologismo formal) = porrete  
 “...lutar com faca, com *mbueti*...” Xitu (1990 p. 114)
- *mbulumbumba* (neologismo formal) = berimbau  
 “...são como tocadores de *mbulumbumba*...” Andrade (1988, p. 19)

- *mbunda* (neologismo formal) = indivíduo do Leste de Angola  
 “E tu não és *mbunda*?” (2013, p. 209)
- *mé* (neologismo formal) = me  
 “...nem se quer *mé* tocó...” Luacuti (2015, p. 150)
- *memo* (neologismo formal) = mesmo  
 “- É quanto *memo*?” Luacuti (2015, p. 129)
- *mergulhar* (neologismo semântico) = copular  
 “...ansioso por *mergulhar* nos segredos mudos da ternura de Mussole.”  
 Pepetela (2013, p. 161)
- *mi* (neologismo formal) = me  
 “Quentura, num *mi* faças...” Luacuti (2015, p. 71)
- *miekeieke* (neologismo formal) = miúdos  
 “...já não precisava dos *miekeieke*...” Xitu (2014, p. 87)
- *milongo* (neologismo formal) = remédios  
 “...os *milongos* da terra não deram nenhum resultado...” Júnior (2014, p. 64)
- *milozza* (neologismo formal) = acácias rubras  
 “...ornamentado com flores de *milozza*, com isalelu...” Xitu (2014, p. 33)
- *mina* (neologismo formal) = gestante  
 “- Netinha, anga mbi você esta wa *mina*? Soma (2011, p. 236)
- *minina* (neologismo formal) = menina  
 “E só eram *mininas*.” Luacuti (2015, p. 129)
- *mó* (neologismo formal) = meu  
 “-Errado, *mó* sobrinho.” Luacuti (2015, p. 65)
- *mõla* (neologismo formal) = criança

“O *mõla*, nas costas, deleitava a sua língua com o ranho...” Soma (2011, p. 332)

- *mologe* (neologismo formal) = feiticeiro

“...comeu soba comeu *mologe*...” Barbeitos (1988, p. 42)

- *mono* (neologismo formal) = mono partidarismo

“...coronel no tempo do *mono*...” Luacuti (2015, p. 150)

- *muambeira* (neologismo formal) = viajante que compra mercadoria no estrangeiro para a vender no país

“...suas filhas *muambeiras* que o presenteara...” Luacuti (2015, p.60)

- *mukasu* (neologismo formal) = sortilégio para diversos fins feiticistas

“...um galo vivo no centro do campo e uma dibunda de *mukasu*...” Xitu (2014, p. 34)

- *mulala* (neologismo formal) = pano que passa entre a cintura e cujas pontas se amarram na cintura.

“...de *mulala* e tronco nu...” Xitu (2014, p. 38)

- *mululu* (neologismo formal) = planta de casca e folhas muito amargas
- *munjimbeiro* (neologismo formal) = fofoqueiro

“Esse tipo sempre foi um grande *munjimbeiro*.” Pepetela (2013, p. 256)

- *mulatice* (neologismo formal) = malandragem

“...olhando as mulheres sorrateiramente, corou para além da sua *mulatice*.” Pepetela (2013, p. 38)

- *mulola* (neologismo formal) = zona baixa e alagadiça; riacho

“Aproxima-se da *mulola*...” Arrimar (2013, p. 44)

- *mutambi* (neologismo formal) = óbito

“Rouba como os outros e vou pôr *mutambi*...” Xitu (1990, p. 103)

- *mutapi* (neologismo formal) = adivinho

“Se o *mutapi* foi vago...” Arrimar (2013, p. 66)

- *mutoya* (neologismo formal) = arma

“Pegou bem na sua *mutoya* e pediu-me...” Soma (2011, p. 68)

- *mussequenha* (neologismo formal) = tipo de trepadeira, planta herbácea, alongada e flexível, usada nos rituais consagrados.

“...*musequenha* na cabeça e nos pulsos.” Fernandes (2015, s. p.)

- *muximante* (neologismo formal) = que afecta a alma

“...encontro tem batucada *muximante*...” Cardoso (2014, p. 31)

- *mwila* (neologismo formal) = indivíduo da etnia muíla

“Umas vezes *tchokwes*, *mwuilas* ou *kilengues*...” Andrade (1988, p. 19)

- *namusso* (neologismo formal) = fantasma perigoso e obediente ao seu dono

“Lhe mandaram um *namusso* que lhe tirou a voz...” Soma (2011, p. 110)

- *nasqudra* (neologismo formal) = esquadra

“... o Sr. Vai ter de acompanhar até *nasquadra*.” Luacuti (2015, p.131)

- *ndengu* (neologismo formal) = esquilo

O *ndengu* pulava de uma palmeira para outra.” Xitu (2014, p. 68)

- *ngadiama* (neologismo formal) = desgraçado

“...vizinhos que o consideravam *ngadiama*.” Luacuti (2015, p. 102)

- *nga* (neologismo formal) = senhora; dona

“E *nga* Xixi, dona Cecília...” Vieira (2014, 22)

- *ngana* (neologismo formal) = senhor

“Juvêncio com U, xié, *ngana*.” Vieira (2004, p. 50)

- *ngó* (neologismo formal) = só

“...e os olhares se concentram *ngó* nele.” Cardoso (2014, p. 31)

- *ngoma* (neologismo formal) = batuque  
 “Toquem e dancem! *Ngoma...*” Cardoso (2014, p. 58)
- *nguelé* (neologismo formal) = igreja  
 “...lidera uma das *ngulés* lá da banda.” Soma (2011, p. 71)
- *nete* (neologismo formal) = espécie de rato selvagem  
 “...aprecer um rato *nete* ou *sakutopi...*” Soma (2011, p. 11)
- *nonó* (neologismo formal) = novo  
 “...conduzir um boter *nonó...*” Luacuti (2015, p. 67)
- *non* (neologismo formal) = não  
 “*Non* robô, nosso aspirante!” Andrade (1988, p. 36)
- *nongombe* (neologismo formal) = bois  
 “...na língua do vento a palavra *nongombe!*” Arrimar (2013, p. 42)
- *num* (neologismo formal) = não  
 “Quentura, *num* mi façás...” Luacuti (2015, p. 71)
- *olukongolo* (neologismo formal) = arco-íris  
 “O mais agravante é o *olukongolo* que aprecia colorido...” Soma (2011, p. 283)
- *ombala* (neologismo formal) = residência do soba  
 “..diante da grande porta da *ombala* fortificada...” Arrimar (2013, p. 27)
- *ondié* (neologismo formal) = onde  
 “Gritou: mó carro tá *ondié?!?*” Luacuti (2015, p. 82)
- *otra* (neologismo formal) = outra  
 “-«Otra maka mais». Exclamou!” Luacuti (2015, p. 49)
- *ove* (neologismo formal) = tu aí  
 “- Ove, espera um pouco...” Soma (2011, p. 93)

- *ovir* (neologismo formal) = ouvir
 

“Sobrinho, ouve bem. Tasa *ovir*?” Luacuti (2015, p. 66)
- *pacipaziguar* (neologismo formal) = pacificar + apaziguar
 

“Os políticos preferirem *pacipaziguar*...” Soma (2013, p. 25)
- *palavrar* (neologismo formal) = falar
 

“...que ele, palavroso, vai *palavrar*.” Cardoso (2014, p. 32)
- *paltido* (neologismo formal) = partido
 

“...chamados à sede do *paltido*...” Luacuti (2015, p. 145)
- *papoite* (neologismo formal) = homem mais velho
 

“...*papoite*, compra anti-desmonta.” Luacuti (2015, p. 128)
- *parte* (neologismo semântico) = nádegas
 

“...uma palmadinha nas *partes*...” Luacuti (2015, p. 75)
- *partir* (neologismo semântico) = ostentar
 

“...estava a *partir* um popó último grito...” Luacuti (2015, p. 102)
- *pau* (neologismo semântico) = resistente
 

“...jogador não é de *pau*, também precisa de se divertir.” Pepetela (2013, p. 29)
- *pau-de-cabinda* (neologismo formal) = estimulante sexual natural
 

“...Bonifácio para ir a procura de *pau-de-cabinda*, alí?” Xitu (1990, p. 92)
- *PCA* (neologismo formal) = Presidente do Conselho de Administração
 

“Avô dum *PCA* e padrinho de outros tantos...” Luacuti (2015, p. 147)
- *pedido* (neologismo semântico) = alembamento
 

“...do «*pedido*» de uma prima...” Luacuti (2015, p. 78)
- *pegô* (neologismo formal) = pegou
 

“*Pegô* num costume novo” Cruz (1961, p. 304)
- *pessi* (neologismo formal) = cachimbo

“- Ó netinho, me traz lá o *pessi*, por favor.” Soma (2011, p. 209)

- *pgrs* (neologismo formal) = Procuradoria Geral da República - PGR

“...cadeias, *pgrs* e clínicas.” Luacuti (2015, p. 108)

- *pirão-palapala* (neologismo formal) = pirão de milho moído sem nenhuma modificação

“...batata-doce, peixe-seco e *pirão-palapala*.” Soma (2011, p. 11)

- *polidimensional* (neologismo formal) = várias dimensões

“...da presença geométrica *polidimensional*...” Jacinto (2014, p. 79)

- *popó* (neologismo formal) = carro

“...contemplar o interior do seu *popó*...” Luacuti (2015, p. 56)

- *praonde* (neologismo formal) = para aonde

“- E vão *pra* onde?” Luacuti (2015, p. 76)

- *praqui* (neologismo formal) = para aqui

“Não venhas *praqui* sem comer” Luacuti (2015, p. 71)

- *pru* (neologismo formal) = por

“E diz ainda *pru* cima...” Cruz (2003, p. 304)

- *prubulema* (neologismo formal) = problema

“...ninguém resolve o *prubulema* qui tás cum ele.” Luacuti (2015, p. 131)

- *precisar* (neologismo semântico) = desejo para copular

“...porque hoje vou te *precisar*...” Luacuti (2015, p. 71)

- *pulunguza* (neologismo formal) = conflito; guerra

“Para trás ficara a quitota e as *pulunguzas*.” Soma (2011, p. 313)

- *qui* (neologismo formal) = que

“...ninguém resolve o *prubulema qui* tás cum ele.” Luacuti (2015, p. 131)

- *quie* (neologismo formal) = o quê

“-Tio, CUCA é mesmo *qué?*” Luacuti (2015, p. 67)

- *quimbundice* (neologismo formal) = particularidade de quimbundo  
“...minha defesa oficiosa, *quimbundice*...” Vieira (2004, p. 32)
- *quijiloso* (neologismo formal) = quezilento  
“...parecia era passarinho, *quijilosa*...”
- *quitota* (neologismo formal) = guerra  
“- Fazendo a *quitota* com todo o meu corpo...” Soma (2011, p. 69)
- *quitotar* (neologismo formal) = guerrear  
“- Mantem a tua live mais taime para *quitotares* mais.” Soma (2011, p. 70)
- *quixima* (neologismo formal) = mercado informal  
“...se, na *quixima*, os gregos recebiam tudo?” Luacuti (2015, p. 165)
- *remorder* (neologismo semântico) = recordar  
“É inútil estar a *remorder* nas coisas.” Pepetela (2013, p. 32)
- *robô* (neologismo formal) = roubou  
“Non *robô*, nosso aspirante!” Andrade (1988, p. 36)
- *sakutopi* (neologismo formal) = espécie de rato selvagem  
“...aprezer um rato nete ou *sakutopi*...” Soma (2011, p. 11)
- *sbardeado* (neologismo formal) = mal da vida  
“Tós filhos tão aqui mbora bem *sbardeados*...” Luacuti (2015, p. 152)
- *scul* (neologismo formal) = escola  
“...queriam que eu continuasse na *scul*...” Soma (2011, p. 71)
- *sekulo* (neologismo formal) = velho  
“Talvez de kimbu, de *sekulo*.” Pepetela (2013, p. 254)
- *stá* (neologismo formal) = está

“*Stá vir, vô!*” Andrade (1988, p. 52)

- *suplente* (neologismo semântico) = substituto (a) do namorado (a) ou esposo (a)

“...até disse qualquer dia arranjo uma *suplente*.” Pepetela (2013, p. 50)

- *taime* (neologismo formal) = tempo

“- Mantem a tua live mais *taime* para quitotares mais.” Soma (2011, p. 70)

- *tala* (neologismo formal) = tal

“...também tem que aceitar a *tala* coisa...” Soma (2011, p. 49)

- *tão* (neologismo formal) = estão

“...novos que «*tão*» a dar nos chefes.” Luacuti (2015, p. 67)

- *tás* (neologismo formal) = estás

“...ninguém resolve o prubulema qui *tás* cum ele.” Luacuti (2015, p. 131)

- *tchafuluca* (neologismo formal) = macau

“Bebia [...] *tchafuluca* de verdade.” Soma (2011, p. 71)

- *tchilelembia* (neologismo formal) = sombra, espírito

“As vossas *tchilelembias* não podem se misturar com o eleñalo...” Soma (2011, p. 111)

- *tchikualu* (neologismo formal) = calules e folhas cobertas de espinhos

“As roupas, os farrapos perdia-os no *tchikualu*...” Andrade (1988, p. 19)

- *tilim* (neologismo formal) = onomatopeia

“...*tilim tilim* do detector...” Luacuti (2015, p. 34)

- *tchimbanda* (neologismo formal) = quimbanda

“Deviam levá-la ao *tchimbanda* Sacusseia.” Andrade (1988, p. 19)

- *terroristalidade* (neologismo formal) = qualidade de terrorista

“...presunção de *terroristalidade*...” Luacuti (2015, p. 34)

- *tilhas* (neologismo formal) = sapatilhas

“...outros com gardinas de marca, grand’as *tilhas*.”

- *tocó* (neologismo formal) = tocou

“...nem se quer mé *tocó*...” Luacuti (2015, p. 150)

- *tós* (neologismo formal) = teus

“*Tós* filhos tão aqui mbora bem sbardeados...” Luacuti (2015, p. 152)

- *tudoyossomaiskwantué* (neologismo formal) = etc. etc.

“...dar confiança a ninguém e *tudoyossomaiskwantué*.” Luacuti (2015, p. 104)

- *tuji* (neologismo formal) = merda

“- Vai’mora, gueta da *tuji!*” Vieira (2014, p. 106)

- *tungu* (neologismo formal) = conjunto de madeira para a construção de uma casa

“...estavam sentados sobre *tungu* de jimbala que servia de banco...” Xitu (2014, p. 34)

- *sakalé* (neologismo formal) = peditório alusivo ao ano novo

“...mas também com *sakalé*...” Soma (2011, p. 229)

- *sambo* (neologismo formal) = curral

“...eram bois a mais nos *sambos* de um homem só...” Arrimar (2013, p. 42)

- *santomista* (neologismo formal) = santomense

“*Santomista*, angular, verdiano que tinha muito lá...” Andrade (1988, p. 43)

- *senguenava* (neologismo formal) = mexia-se

“Parecia uma fila de jinzeue que *senguenava* naquele caminho...” Xitu (2014, p. 40)

- *senhori* (neologismo formal) = senhor

“Mô *senhori*, olha perinhas do natal.” Soma (2011, p. 333)

- *setembral* (neologismo formal) = de Setembro  
 “Era o sufoco 11 *setembral*.” Luacuti (2015, p. 38)
- *simbol* (neologismo formal) = símbolo  
 “...sua condição de sexy *simbol*...” Luacuti (2015, p. 17)
- *simplamarfanhada* (neologismo forma) = simples + amarfanhada  
 “*Simplamarfanhada* pelas noites álgidas...” Soma (2013, p. 18)
- *sô* (neologismo formal) = sou  
 “*Sô* eu Paulino Kambulo...” Andrade (1988, p. 28)
- *soué* (neologismo formal) = só  
 “Papoite, compra *soué*.” Luacuti (2015, p. 129)
- *spiritual* (neologismo formal) = espiritual  
 “...harmania *spiritual* de vozes...” Neto (2014, p. 70)
- *tá* (neologismo formal) = está  
 “-Se o tio já *tá* bêbado...” Luacuti (2015, p. 66)
- *takula* (neologismo formal) = tacula  
 “...derrame de *takula* neste majestoso chão...” Soma (2013, p. 73)
- *tamém* (neologismo formal) = também  
 “Hoje pidi dinheiro... amanhã pidi *tamém*!” Ribas (2009, p. 23)
- *tasa* (neologismo formal) = estás a  
 “Sobrinho, ouve bem. *Tasa* ovir?” Luacuti (2015, p. 66)
- *tó* (neologismo formal) = estou  
 “-*Tó*, tio.” Luacuti (2015, p. 66)
- *ufeko* (neologismo formal) = moça  
 “Os seios de *ufeko*, virgem...” Pepetela (2013, p. 259)
- *último* (neologismo formal) = último

“Papoite, compra. É o *último*.” Luacuti (2015, p. 128)

- *vakué* (neologismo formal) = gente

“- *Vakué*, meu Deus!” Soma (2011, p. 13)

- *veia* (neologismo formal) = velha

“Antão, *veia*, hoje nada?” Cruz (2003, p. 304)

- *velho* (neologismo semântico) = pai

“Vendia as *vicuatas* do meu *velho*.” Soma (2011, p. 71)

- *verdiano* (neologismo formal) = cabo-verdiano

“Santomista, angolar, *verdiano* que tinha muito lá...” Andarade (1988, p. 43)

- *vicuatas* (neologismo formal) = bicuatas

“Vendia as *vicuatas* do mô *velho*.” Soma (2011, p. 71)

- *vijú* (neologismo formal) = perspicaz

“- Eu sou *vijú* ded´a *bué*.” Soma (2011, p. 72)

- *vualakatavualakatavualakata* (neologismo formal) = onomatopeia

“...uma boa rajada da *mutoya* dele – *vualakatavualakatavualakata*...” Soma (2011, p. 68)

- *vutuka* (neologismo formal) = vai-te

“*Vutuka*, não te queremos mais aqui.” Xitu (1990, p. 144)

- *xaxar* (neologismo formal) = cortejar

“- Tu *calas* e aprendes como se *xaxam*...” Soma (2011, p. 189)

- *xinguilante* (neologismo formal) = que xinguila

“Sobre o *xinguilante jazz*...” Jacinto (2014, p. 137)

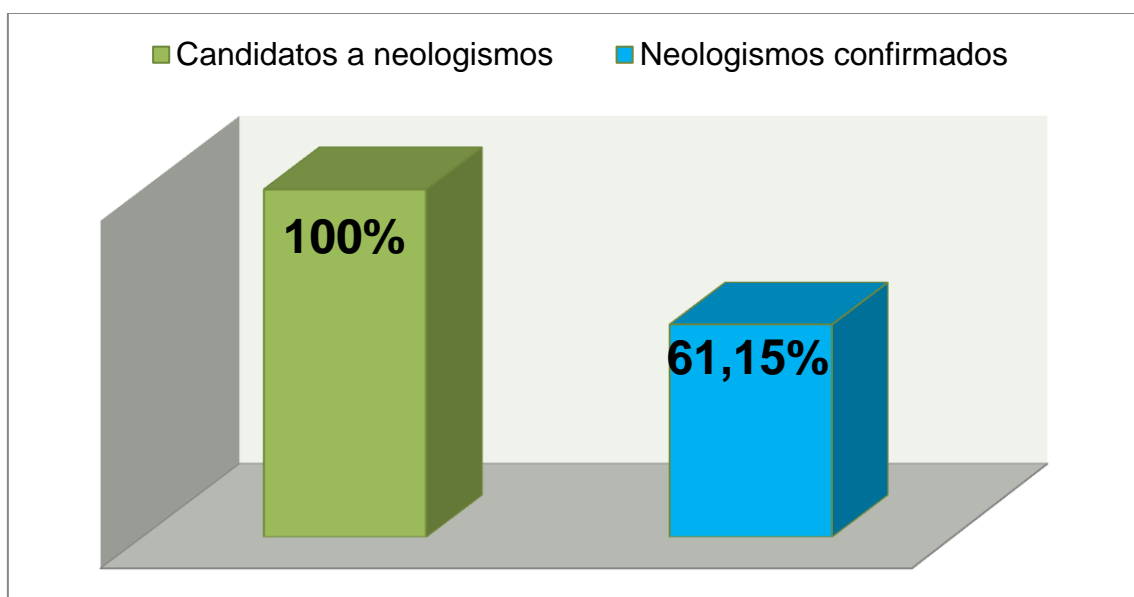
- *xinjanguila* (neologismo formal) = dança de roda do este de Angola

“Assisti a uma *xinjanguila* interessante.” Pepetela (2013, p. 145)

- *wala* (neologismo formal) = garapa  
 “...tem também *wala* e kingundo.” Cardoso (2014, p. 55)
- *walende* (neologismo formal) = aguardente  
 “...pelo menos o nosso *walende*.” Soma (2011, p. 23)
- *waxawalho* (neologismo formal) = ruído do vento sobre a folhagem  
 “...ela não entendia o *waxawalho*, a linguagem da selva.” Soma (2011, p. 145)
- *yá* (neologismo formal) = sim  
 “Yá. Amanhã não vou dar confiança...” Luacuti (2015, p. 68)
- *youtobe* (neologismo formal) = YouTube  
 “...por ser a mais requisitada do *youtobe*...” Luacuti (2015, p.134)

Identificou-se 623 possíveis neologismos a partir do *corpus* de extração (obras literárias angolanas). Depois disso, cada um desses candidatos a neologismos foi confirmado/infirmado nos dicionários «Léxico: Dicionário de Português» e «Dicionário da Língua Portuguesa», sendo confirmados apenas 318 unidades neológicas, isso é 61,15%.

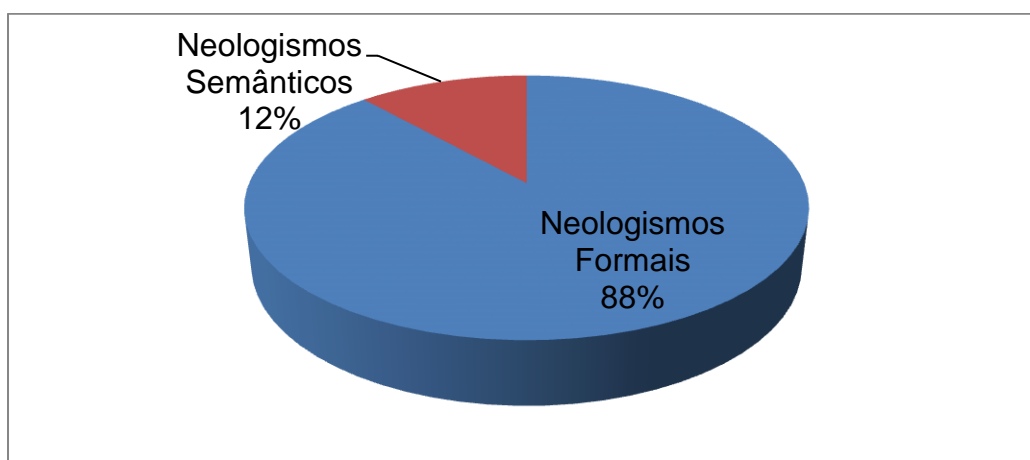
**Gráfico 1 – Candidatos a neologismos / Neologismos confirmados**



Depois de confirmados os 318 neologismos, as unidades neológicas foram repartidas em neologismo formal ou neologismo semântico. Essa classificação foi feita em função do tipo de novidade de cada unidade.

Assim, foi possível identificar 281 neologismos formais, representando 88%, e 37 neologismos semânticos, correspondendo a 12%.

Gráfico 2 – Classificação dos neologismos quanto ao tipo de novidade



### 2.3. Tratamento dos dados dos inquéritos por questionário

Visto que as aulas de Língua Portuguesa na 11<sup>a</sup>/especialidade têm sido auxiliadas também por obras literárias e o programa apresenta «neologismos» como conteúdo, buscou-se a opinião dos respectivos professores da Escola de Magistério Secundário nº 135 “Comandante Liberdade” do município do Lubango. Essa opinião foi obtida pela via de inquéritos por questionário.

Em função disso, foi possível obter-se as seguintes informações:

**Tabela 2 – Dados pessoais dos professores**

Idade	De 33 a 55 anos de idade	
Sexo	Feminino	Masculino
	14,28%	85,71%
Grau académico	Licenciados	
	100%	
Tempo de serviço	De 11 a 33 anos de serviço	
Área de formação	Ensino do português	
	100%	

Ao analisar-se os dados na Tabela 1, concluiu-se que a idade dos professores inquiridos ronda entre os 33 aos 55 anos, com um tempo de serviço acima de 21 anos para a maioria e 11 e 18 anos para dois professores; a maior parte é do sexo masculino (85,71%) e são todos licenciados em Ensino do Português.

Em suma, esses dados podem representar que os professores de Língua Portuguesa da Escola de Formação de Professores «Comandante Liberdade» possuem uma vasta experiência de trabalho e são todos formados em Ensino do Português.

**Tabela 3 – Questões gerais**

	sim	não	não sei
a) As aulas de português são auxiliadas por textos.	100%		
b) O texto literário tem importância para o ensino do português.	100%		
c) O programa de Língua Portuguesa da 11ª Classe recomenda textos literários.	85,71%	14,28%	
d) O estudo do texto nas aulas inclui a análise do vocabulário.	100%		
e) O estudo do texto tem em conta a forma fónica.	85,71%	14,28%	
f) A análise vocabular inclui significado em função do contexto.	100%		
g) No ensino do vocabulário, a palavra não deve ser analisada fora do contexto da frase.	100%		

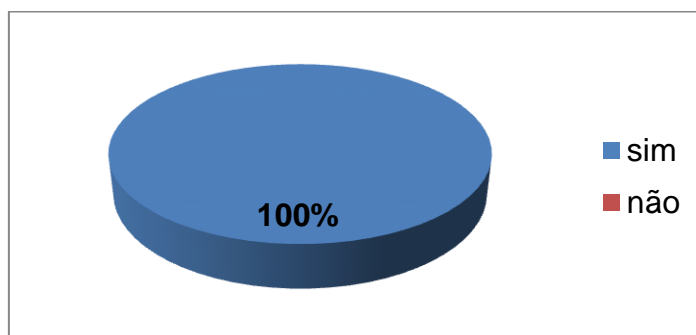
Quanto às «Questões gerais», todos os professores, isto é, 100%, consideram que as aulas de Português deveriam ser auxiliadas por textos; o texto literário

tem importância para o ensino do português; o estudo do texto nas aulas deve incluir a análise do vocabulário; a análise vocabular deve abarcar o significado em função do contexto e, no ensino do vocabulário, a palavra não deve ser analisada fora do contexto da frase. Porém, 14,28% infirma a recomendação de textos literários no Programa de Língua Portuguesa da 11ª Classe/Especialidade e que o estudo do texto não engloba a forma fônica.

O Programa de Língua Portuguesa da 11ª/Especialidade recomenda textos literários. Por um lado, reconhece-se que o texto literário contribui para desenvolvimento da linguagem, do pensamento crítico, estimula a imaginação, o gosto pela leitura, a ética e a cultura, dentre outros benefícios e, por outro lado, ao englobar-se a parte fônica durante o estudo do texto, estimula-se a consciência fonológica do aluno, isto é, levá-lo a identificar e a manipular os sons que representam a língua.

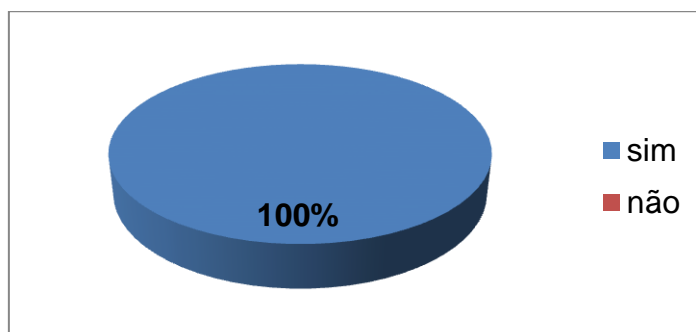
Em síntese, os professores reconhecem o valor do texto literário para o auxílio do ensino da língua portuguesa, sem se ignorar o tratamento do vocabulário.

**Gráfico 3 - Já ouviu falar de neologismo?**



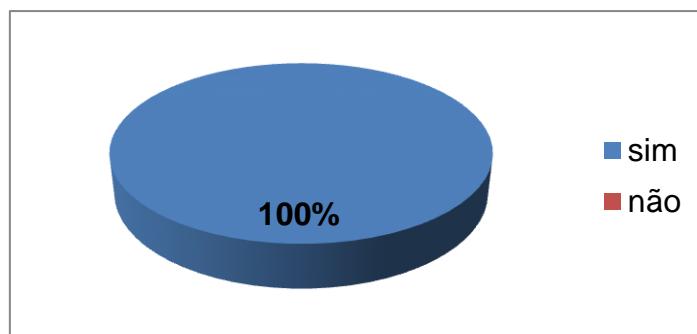
Tal como atesta o Gráfico 3, todos os professores já ouviram falar de neologismo. O que significa que não é uma temática nova para eles.

**Gráfico 4 - Já se deparou com neologismo durante o estudo de um texto?**



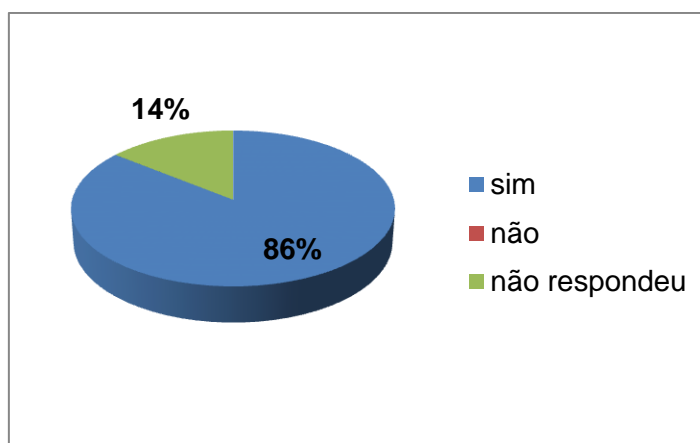
Todos os professores já se depararam com neologismos durante o estudo de um texto literário e, como se constatou, é possível registar-se neologismos nas obras literárias angolanas.

**Gráfico 5 - O neologismo merece alguma atenção no estudo de textos?**



Por outra, todos os professores consideram que o neologismo deve merecer um tratamento nas aulas de Língua Portuguesa. A consideração do neologismo contribui para a melhoria da compreensão e da interpretação do texto.

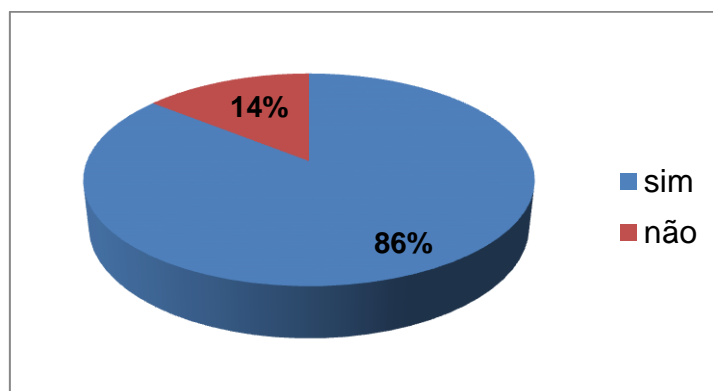
**Gráfico 6 - O neologismo na literatura constitui expressividade?**



No Gráfico 6, a maioria considera que o neologismo na literatura é um factor de expressividade, embora 14% não tenha respondido.

Em suma, uma boa parte dos professores tem consciência de que o escritor coloca neologismos deliberadamente para representar uma determinada realidade sociolinguística, para caracterizar personagens ou para manifestar a sua liberdade expressiva.

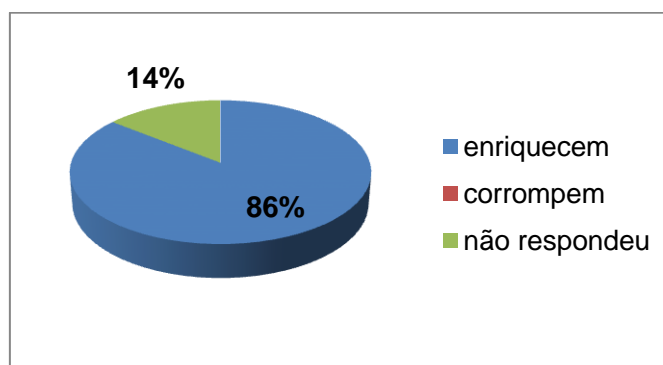
### Gráfico 7 - O dicionário representa um meio indispensável no estudo do léxico?



A maioria considera o dicionário como instrumento indispensável para o estudo do léxico e 14% considera-o dispensável para o estudo do léxico.

Tal como se referenciou anteriormente, um dicionário actualizado pode representar um instrumento de confirmação de um neologismo, mas também da sua desneologização.

### Gráfico 8 - O emprego, em textos literários, de palavras novas que se constituem empréstimos de outras línguas corrompe ou enriquece a língua?



Segundo o Gráfico 8, «enriquecem» representa 86% e 14% não respondeu. Isso significa que a maior parte dos professores têm consciência de que o emprego de palavras novas que se constituem empréstimos de outras línguas em textos literários enriquece a língua.

Sobre a questão «Qual é o critério fundamental que emprega para classificar uma palavra como neologismo?» surgiram respostas tais como:

- *“Empréstimo, aportuguesamento ou mesmo estrangeirismo.”*

- “Não constar em dicionário mas ser de uso corrente.”
- “O critério fundamental é o de serem palavras novas na língua e exprimirem realidades novas.”
- “O critério será dar nome a uma nova realidade e não estar ainda registada e classificada na norma.”
- “Critério de contextualização na língua.”

Em síntese, tal como se pode verificar acima, os professores não têm usado critérios satisfatórios para classificar uma palavra como neologismo, embora tenham considerado (no gráfico 7) o dicionário como instrumento indispensável para o estudo do léxico. Contudo, alguns professores não responderam a essa questão.

Tabela 3 – Procedimentos face ao neologismo no texto literário

3.8. Quando identifica um neologismo no texto literário...		sim	não	não sei	não respo.
a)	Diz aos alunos que é um erro/desvio.	42,85%	42,85%		14,28%
b)	Orienta os alunos a encontrarem sinónimos.	85,71%	14,28%		
c)	Diz aos alunos que é uma questão de expressividade.	42,85%	42,85%		14,28%
d)	Cria exercícios.	71,42%	14,28%		14,28%

Tal como atesta a Tabela 3, as opiniões repartem-se, sendo que 42,86% considera que se deve dizer aos alunos que neologismo no texto literário é um erro/desvio e não representa expressividade e outros, 42,85%, defendem que neologismo no texto literário não deve ser visto como erro/desvio por representar expressividade. A maioria defende que se deve orientar os alunos a encontrar sinónimos e o professor deve criar exercícios.

Em síntese, tal como se referiu anteriormente, o neologismo no texto literário representa expressividade e é importante que o professor esclareça aos seus alunos isso e o contexto de uso, bem como elabore exercícios para o seu tratamento.

Como já se referiu, no programa de Língua Portuguesa da 11<sup>a</sup> Classe/Especialidade apresenta-se “neologismo” como um dos conteúdos e orienta-se, entre outros, o texto literário.

Em função da questão «Que tratamento tem dado às diversas palavras que não fazem parte do dicionário?», os professores apresentaram respostas satisfatórias tais como:

- *“Explicar aos alunos sobre a palavra nova e em que contexto deve ser usada.”*
- *“...a língua está em constante renovação...”*
- *“Análise vocabular em função do contexto, busca do seu significado, também em função da origem linguística dessas palavras.”*
- *“Contextualização adequada...”*
- *“...pesquisa do significado e da realidade em que possivelmente se enquadra.”*
- *“Explicá-las [...] no âmbito da língua de proveniência.”*

Finalmente, em função da questão «Que sugestões deixa para o tratamento dos neologismos nas aulas de Língua Portuguesa?», surgiram as seguintes propostas:

- *“Levantamento do neologismo e identificação dos significados em vários contextos.”*
- *“Adequar os possíveis significados em vários contextos.”*
- *“Identificar a origem (língua, contexto, processo de formação).”*
- *“Estudá-lo em termos de origem e impacto no significado expressivo dentro do contexto.”*
- *“Exercícios de identificação do uso de neologismos nas escolas e em nossas famílias.”*
- *“É necessário dizer ao aluno em que contexto deve ser usado.”*

Em suma, as sugestões deixadas pelos professores para o tratamento dos neologismos nas aulas de Língua Portuguesa são, sim, satisfatórias por corresponderem particularmente ao tratamento de neologismos nas aulas de Português.

## **2.4. Proposta para o tratamento de neologismos nas aulas de Língua Portuguesa**

Neste terceiro capítulo apresentou-se um contributo para o tratamento de neologismos nas aulas de Português, isto desde técnicas de ensino e aprendizagem do vocabulário, até aos exemplos de tratamento de neologismos nas aulas de Língua Portuguesa.

### **2.4.1. Técnicas de ensino/aprendizagem do vocabulário**

A abordagem do vocabulário na interpretação de um texto deve basear-se nas relações entre cultura e língua, fundamentalmente na carga cultural que as palavras encerram. “A relevância da inserção de aspectos culturais associados ao léxico na interacção pedagógica e nos materiais didácticos estabelece com o desenvolvimento do processo leitor-escritor uma relação de importância vital ao nível do ensino e aprendizagem das palavras” (Pais & Sardinha, 2011, p. 5).

O ensino/aprendizagem do vocabulário compreende as seguintes técnicas, segundo o MINED (2020): implícita ou explícita.

#### *Explícita ou directa:*

O ensino explícito do vocabulário ocorre quando se preparam exercícios com o intuito específico de se ensinar o vocabulário, isto é, preparam-se actividades cujo foco da aprendizagem é o vocabulário. Isso implica:

- O levantamento de palavras novas no texto lido;
- Treino da leitura de novas palavras;
- Reescrita da frase, usando sinónimos e antónimos das palavras ou expressões destacadas;
- Perguntas de múltiplas escolhas;
- Família de palavras;
- Associação de palavras quanto ao tema, etc.

#### *Implícita ou indirecta:*

O ensino implícito acontece quando o aluno é exposto a uma série de contextos de comunicação oral e escrita, onde o foco da aprendizagem não é o vocabulário, entretanto novas palavras são apresentadas, acabando por

ocorrer uma aprendizagem ao tomar consciência de que se trata de novos vocábulos, e não necessariamente porque houve uma atenção específica e deliberadamente direccionada para o ensino/aprendizagem desses vocábulos. Isso implica actividades como:

- Exposição dos alunos a textos orais e escritos;

Ex.: Os alunos realizam uma leitura silenciosa ou oral, fazem análise e compreensão do texto.

- Inferência do significado a partir do contexto em que as novas palavras são usadas no texto;
- Associação de palavras quanto ao sentido ou campo lexical;
- Produção de novas frases a partir de vocábulos aprendidos.

De forma geral, o ensino do vocabulário pode ser orientado a partir do uso de actividades ou procedimentos que implicam o ensino e incentivo do uso de dicionários por parte dos alunos e, tal como sublinha Biemiller (2005, citado por Pais & Sardinha, 2011), ensinar ao aluno o que precisa saber sobre cada palavra: forma fónica, significado em função do contexto, condições sintácticas, classe de pertença, paradigma flexional e relações com outras palavras.

#### **2.4.2. Exemplos de tratamento de neologismos nas aulas de Língua Portuguesa**

Tal como se disse anteriormente, o ensino do português tem sido auxiliado por textos, muitos deles, literários e que podem apresentar neologismos.

Nas aulas, o principal instrumento utilizado para a exploração vocabular é o dicionário que, quando actualizado, apresenta também as entradas mais recentes, porém, tal como se constatou em alguns textos da literatura angolana, algumas palavras ou sentidos de certas palavras, mesmo não fazendo parte do dicionário, podem surgir no texto em abordagem. É por essa razão, com base nas considerações teóricas apresentadas anteriormente, que se apresenta a seguir exemplos com texto literário, com o interesse de contribuir para o tratamento de neologismos nas aulas de Língua Portuguesa.

Realçar que a exploração vocabular contribui para o desenvolvimento de habilidades de busca e de identificação do sentido de uma palavra e para ampliar o vocabulário do aluno. Nessa actividade, não se deve encarar as palavras e os seus significados isoladamente, mas antes estabelecer uma relação contextual com as outras palavras.

A seguir estão alguns exemplos de abordagem de neologismos durante a Exploração Vocabular. No «Exemplo 1» identificou-se os neologismos: «desmontaram», «cowboy» e «knaile». Obviamente que o aluno, ao consultá-los no dicionário, não encontrará resultados para «cowboy» e «knaile». Para *desmontar*, encontrará «apear», «descavalgar» ... sentido totalmente diferente do apresentado no texto. Isso acontece também no «Exemplo 2».

Em função disso, o professor, depois de apresentar os sinónimos dicionarizados e/ou os sentidos equivalentes, deve clarificar que essas unidades lexicais, apesar de usuais em alguns contextos, não constam do dicionário por não estarem ainda lexicalizadas, constituindo, assim, neologismos formais ou neologismos semânticos (palavras já existentes que podem apresentar novos sentidos).

- Exemplo 1:

Texto

Te desmontaram, escreveu [...] Até o cinto com fivela grossa de cowboy eles tiraram, meu orgulho de instrutor militar, pá, deixando-se com a breguilha na mão para evitar que a calça caísse e aquelas miudinhas vissem a cor do meu knaile.

Adalberto Luacuti *in Pedidos só no Cemitério*, 2015

Exploração Vocabular

Reescreve as frases abaixo, substituindo as palavras sublinhadas pelos seus sinónimos ou significados:

1. “Te desmontaram, escreveu...”

Solução: “Te assaltaram, escreveu”

2. “...fivela grossa de cowboy eles tiraram...”

Solução: “...fivela grossa de vaqueiro eles tiraram...”

3. “...vissem a cor do meu knaile...”

Solução: “...vissem a cor *da minha roupa interior*...”

- Exemplo 2:

Texto

Nunca a população de Nganga (Nganga-Zuze) e sanzalas vizinhas viram um campo de futebol tão bem ornamentado com flores de *miloza*, com isalelu, com tanto batuque e com muita propaganda, como aquele onde se realizou o memorável encontro de futebol entre as sanzalas de Ganga-Zuze e de Calomboloca.

Uanhenga Xitu *in Mestre Tamoda e Outros Contos*, 2014

Exploração vocabular:

1. Constrói uma frase substituindo as palavras destacadas no texto

Solução: “...ornamentado com flores de miloza, com isalelu...” “...ornamentado com flores de acácias rubras, com ramos...”

É importante que o professor esclareça aos alunos que, em muitos casos, os neologismos aparecem nos textos literário de forma estilística.

No «Exemplo 3», a intenção do uso das unidades lexicais foi para caracterizar o personagem Sargento Mingo: a sua forma de falar, o grupo social a que pertence, o contexto. Muitas dessas palavras são ouvidas na realização do português em Angola, entretanto não estão dicionarizadas, ou seja, não constam do dicionário padrão europeu.

- Exemplo 3:

Texto

- Yá, mô mano. A minha laive tava malaiki p´a carambas. Um gajo liambava de verdade. Violar as canucas era o meu passatempo. Vendia as vicuatas do mô velho, quando não podia gamar a massa dele. E os velhos eram bué pobres. Todo o pouco que tinham era adquirido com uma massita, salário dos catequistas da nguelé. Ainda queriam que eu continuasse na scul, mas naquele

nosso taime, só ilusão! Um gajo bazava na scul e galava os outros com gardinas de marca, grand'as tilhas. Mas a roupa dum gajo estava cheia de linhas.

Paulino Soma in *Viver e Morrer em Angola*, 2006

Exploração vocabular:

Rescreve as frases abaixo, passando-as para o registo padrão:

1. “- Yá, mô mano.”

Solução: “- Sim, meu amigo.”

2. “A minha laive tava malaike p'a carambas.”

Solução: “A minha vida estava muito ruim.”

3. “Um gajo liambava de verdade.”

Solução: “Eu fumava realmente liamba.”

4. “Vendia as vicuatas do mô velho, quando não podia gamar a massa dele.”

Solução: “Vendia as coisas do meu pai, quando não podia roubar o dinheiro dele.”


5. “...uma massita, salário dos catequistas da nguelé.”

Solução: “...um dinheiro, salário dos catequistas da igreja.”

6. “...que eu continuasse na scul, mas naquele nosso taime, só ilusão!”

Solução: “...que eu continuasse na escola, mas naquele nosso tempo, só ilusão!”

• Exemplo 4:

	
kizenga-zenga	dilonga

Imagem<sup>1</sup> 1

Imagem<sup>2</sup> 2

<sup>1</sup> Disponível em <https://mhstories.hypotheses.org/5125> , acesso em Agosto, 04 de 2023.

1- Para cada elemento na imagem acima está o respectivo nome, segundo o texto de Uanhega Xitu.

a) Completa as frases abaixo usando sinónimos que podem ser encontrados no dicionário para «kizenga-zenga» e «dilonga»:

- O homem é transportado de \_\_\_\_\_ .
- As crianças puxam o \_\_\_\_\_ .

---

<sup>2</sup> Disponível em <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2022/05/06/pesquisadores-da-usp-criam-inteligencia-artificial-para-combater-a-fome.htm> , acesso em Agosto, 04 de 2023.

## **CONCLUSÕES E SUGESTÕES**

## **Conclusões**

Uma língua não sobrevive sem a sua expressão literária. É por essa razão que a literatura angolana reflecte questões linguísticas, sociais, filosóficas, éticas e culturais restritas ao povo dessa nação. Desse modo, essas questões podem manifestar-se na língua portuguesa como neologismos.

Assim, olhando para esse prisma, a pergunta que motivou a presente pesquisa foi: que neologismos podem ser identificados em obras literárias angolanas e que tratamento dar-lhes nas aulas de Língua Portuguesa?

Foi assim que, na perspectiva de se buscar resposta a essa questão, se verificou que a língua portuguesa em Angola possui um carácter multifuncional e está no sistema educativo, sendo veículo de transmissão e como matéria de ensino; na informação, no sistema judicial e jurídico, na administração pública em geral. Todavia, o português coabita com diversas línguas com estatuto de línguas nacionais, o que situa linguisticamente Angola como um país plurilingue e, conseqüentemente, um bilinguismo por parte dos indivíduos, fazendo com que o português falado em Angola apresente características de natureza fonética, morfossintáctica, lexical e semântica.

Pela natureza do presente trabalho, foram confirmados 318 unidades neológicas, repartidas em 281 neologismos formais, representando 88%, e 37 neologismos semânticos, correspondendo a 12%. Infere-se, assim, que os neologismos formais sobrepõem-se aos semânticos nas obras consultadas.

Quanto às respostas aos inquéritos por questionário, os professores reconheceram o valor do texto literário para o auxílio do ensino da língua portuguesa, sem ignorar o tratamento do vocabulário. Todos eles já ouviram e já se depararam com neologismos durante o estudo de um texto literário. Porém, alguns professores consideraram o dicionário dispensável para o estudo do léxico e consideraram o neologismo no texto literário como um erro/desvio e não representa expressividade.

Por fim, se, por um lado, a neologia é um processo de formação de novas unidades lexicais ou da atribuição de um novo sentido a uma unidade lexical já existente, por outro lado, o neologismo é o resultado desse processo e que a

cultura e a realidade expressa pela literatura podem manifestar-se por palavras características de uma sociedade. Além disso, podem ser criadas novas palavras para caracterizar um grupo retratado na obra. Tais criações podem obter um efeito expressivo.

## **Sugestões**

O tratamento do neologismo nas aulas de Língua Portuguesa pode ser orientado a partir do uso de actividades ou procedimentos que implicam o incentivo do uso de dicionários por parte dos alunos e ensinar ao aluno o que precisa saber sobre cada palavra.

Assim, sugere-se o seguinte:

- As aulas de Língua Portuguesa devem continuar a ser auxiliadas, também, por textos literários, não só por manifestarem o funcionamento da língua, mas também por desenvolverem valores culturais, éticos, sociais e filosóficos;
- O estudo do texto, nas aulas, deve incluir a análise do neologismo; afinal, dominar o sentido das palavras permite a compreensão e a interpretação do texto em causa;
- A análise do neologismo deve abarcar o significado em função do contexto, uma vez que a palavra pode também adquirir o seu sentido em função do contexto;
- No estudo do neologismo, deve-se considerar a respectiva forma fónica, uma vez que isso subsidiará o professor a demonstrar aos alunos a necessidade de se conhecer a fonologia própria das palavras da língua, sem colocar de parte o contexto de uso do respectivo vocábulo;
- É necessário que se tenha consciência que o escritor coloca neologismos deliberadamente para representar uma determinada realidade sociolinguística; para caracterizar personagens;
- Um dicionário actualizado pode representar um instrumento de confirmação de um neologismo. Afinal, uma palavra considerada arbitrariamente como neológica pode não a ser, sendo simplesmente só uma palavra desconhecida pelo indivíduo;

- É preciso ter-se consciência que o emprego de palavras novas que se constituem empréstimos de outras línguas em textos literários podem enriquecer a língua;
- O neologismo no texto literário deve ser visto como expressividade, é importante que o professor esclareça aos seus alunos isso e o contexto de uso e elabore exercícios para o seu tratamento.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

## Referências bibliográficas

- Abreu, A. (1979). *Permanência*. Lisboa: Edições 70.
- Adriano, P.S. (2014). *Tratamento Morfossintático de Expressões e Estruturas Frásicas do Português em Angola: Divergências em Relação à Norma Europeia*. Dissertação de doutoramento em Linguística apresentada à Universidade de Évora.
- (2015). *A Crise Normativa do Português em Angola*. Luanda: Mayamba.
- Alves, L. M. (1984). *A Integração dos Neologismos por Empréstimos ao Léxico Português*. São Paulo: UNESP.
- (1990). *Empréstimos Lexicais na Imprensa Política Brasileira*. São Paulo: UNESP.
- (1990). *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Atica.
- (2002). *Neologia Técnico-científica e Análise de Corpus*. Lisboa: Edição Calibri.
- (2006). *A Observação Sistemática da Neologia Lexical: subsídios para o estudo do léxico*. São Paulo: UNESP.
- (2010). *A Importância da Neologia no Seio das Línguas Românicas*. Barcelona: IULA-UPF.
- Ananaz, K. (2020). *Seios e Ventres*. Luanda: Tchingapy Editora
- Andrade, C. (1988). *Estórias de Contratados*. Luanda: 2K.
- Angola [Constituição (2010)]. *Constituição da República de Angola*. Luanda.
- Antunes, M. (2015). *Neologismos de Imprensa no Português*. Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Universidade de Lisboa.
- Arrimar, J. (2012). *O Planalto do Salalé*. Luanda: Edições Chá de Caxinde.
- (2013). *O Planalto do Kissonde*. Luanda: Edições Chá de Caxinde.
- Banza, A. P. (2001). *O Universo e o Particular: uma Vida a Comparar*. Lisboa: Edições Calibri.
- Barbeitos, A. (1988). *Angola Angolê Angolema*. Luanda: 2K.
- Barbosa, M. A. (2010). *Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objecto, métodos, campo de acção*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Cardoso, B. (2014). *A Morte do Velho Kipacaça*. Luanda: GRECIMA.

- Cardoso, E. A. & Ignez, A. F. (2008). *A Interpretação dos Neologismos Literários: uma Forma de Entender o Texto*. São Paulo: FFLCH-USP.
- Carrasco, A. (1988). *Subsídios para Estabelecimento da Norma do Português em Angola*. Lubango: D.D.I. ISCED.
- (2022a). *História da Língua Portuguesa*. Luanda: Mayamba.
- (2022b). *Geografia da Língua Portuguesa*. Luanda: Mayamba.
- Correia, M. (1989). *Algumas Particularidades da Prefixação na Neologia do Português Contemporâneo*. Lisboa: APL.
- (1998). *Neologia e Terminologia*. Lisboa: Europa-América.
- (2003). *A neologia Científica: balanço e perspectivas*. Roma: União Latina.
- (2005). *Terminologia, Neologia e Normalização: como tratar os empréstimos neológicos*. Barcelona: União Latina.
- Correia, O. (1987). *Era uma Vez... que eu não conto outra vez*. Luanda: União dos Escritores Angolanos.
- Cruz, V. da (2003). *Poemas*. Poesia Africana de Língua Portuguesa, organizado por Livia Apa, Arlindo Barbeitos e Maria Dáskalos. Rio de Janeiro: Lacerda Editores.
- Fernandes, M. C. (2015). *A Árvore dos Gimgongos*. Luanda: GRECIMA.
- Fuzer, C. (2009). *Didáctica do Português*. 4º semestre do Curso de Graduação em Letras / Português. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria
- Gramática Fácil da Língua Portuguesa*. Luanda: Texto Editores.
- INIDE/MED (2019). *Programas Adequados de Língua Portuguesa*. Luanda: Editora Moderna.
- Jacinto, A. (2015). *Sobreviver em Tarrafal de Santiago*. Luanda: GRECIMA
- (2014). *Poemas*. Luanda: Editora das Letras.
- Jesus, A. M. de (2012). *Princípios Metodológicos para a Detecção de neologismos da comunicação digital*. Estudos Linguísticos. V. 50, N. 1, p. 243-261.
- Júnior, A. de A. (2014). *O Segredo da Morta*. Luanda: GRECIMA.
- Júnior, J. I. (2021). *Língua e Sociedade: ensino que liberta*. Revista Educação Pública, V. 21, N. 31, p. 3.
- Luacuti, A. (2015). *Pedidos só no Cemitério*. Luanda: Mayamba.
- Miguel, M.H. (2014). *Dinâmica da Pronominalização no Português de Luanda*.

- Luanda: Mayamba Editora.
- MINED (2020). *Ensino-Aprendizagem do Vocabulário*. Disponível em <http://ead.mined.gov.mz/manuais/Didatica%20de%20Lingua%20Portuguesa/aula6.3.html>, acesso em Agosto, 12 de 2023.
- Mpanzu, M. (2018). *Tendências Actuais no Ensino-Aprendizagem da Gramática das Línguas não Maternas*. Luanda: ECO7.
- Moreira, V. & Pimenta, H. (2014). *Gramática do Português*. Porto: Porto Editora.
- Neto, A. (2014). *Sagrada Esperança*. Luanda: GRECIMA.
- Ondjaki (2004). *Ynari: a Menina das Cinco Tranças*. Luanda: Nzila.
- (2013). *Os Transparentes*. São Paulo: Companhia de Letras.
- Pais, A. P. & Sardinha, M. G. G. A. (2011). *Os Caminhos do Ensino e da Aprendizagem do Vocabulário: Intercultura, Corpus Textual e Lexicultura*. Braga: Actas.
- Pepetela (1988). *O Cão e os Calús*. Luanda: 2K.
- (2013). *A Geração da Utopia*. Luanda: Texto Editores.
- Resende, P. (2014). *A Neologia em Sala de Aula: análise de actividades da colecção didáctica. Português – uma proposta para o letramento*. Dissertação de mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais.
- Ribas, O. (2009). *Uanga (Feitiço)*. Lisboa: Mercado de Letras.
- Rocha, J. (2005). *Morrer na Madrugada*. Antologia da Poesia Moderna Angolana. Luanda: União dos Escritores Angolanos.
- Rui, M. (1999). *Quem me Dera Ser Onda*. Lisboa: Cotovia Limitada.
- Saussure, F. de (2006). *Curso de Linguística Geral*. Organizado e editado por Charles Bally & Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini. São Paulo: Editora Cultrix.
- Silva, P. C. G. & Sousa, A. P. de (2017). *Língua e Sociedade: influências mútuas no processo de construção sociocultural*. Revista Educação e Emancipação, V. 10, N.1, p. 263-264.
- Soma, P. (2011). *Viver e Morrer em Angola*. Lubango: Edição do Autor.
- (2013). *Amálgama D'alma*. Odivelas: Regrapapiro.
- Souza, F. E. M. (2014). *Teorias Linguísticas e Suas concepções de Gramática:*

*Alcances e Limites*. Linguagem em Foco, V.6, N.1, p. 42.

Undolo, M. (2019). *Língua Portuguesa. Subsídios para o seu Ensino em Angola*. Luanda: ECO7.

Vieira, J. L. (1985a). *A Cidade e A Infância*. Luanda: União dos Escritores Angolanos.

----- (1985b). *Vidas Novas*. Luanda: União dos Escritores Angolanos.

----- (2004a). *João Vêncio: os seus amores*. Luanda: Editorial Nzila.

----- (2014b). *Luuanda*. Luanda: GRECIMA.

Xitu, U. (1990). *O Ministro*. Luanda: União dos Escritores Angolanos.

----- (2014). *Mestre Tamoda e Outros Contos*. Luanda: GRCIMA.

### **Dicionários:**

- *Dicionário de Termos Linguísticos*, disponível em <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology>, acesso: Julho e Agosto de 2023.
- *Léxico: Dicionário de Português*, disponível em <https://www.lexico.pt/> acesso: Junho, Julho e Agosto de 2023.
- *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto Editora (aplicativo online). acesso: Junho, Julho e Agosto de 2023.
- Gallisson, R. & Coste, D. (1983). *Dicionário de Didáctica das Línguas*. Coimbra: Livraria Almedina

## **ANEXOS**

## Anexos

### Inquérito por questionário aos professores



**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO  
COORDENAÇÃO DE MESTRADOS  
MESTRADO EM ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA**

**Inquérito por Questionário – Professores da 11ª Classe – Português/EMC  
da Escola de Formação de Professores “Comandante Liberdade” do  
Lubango**

Este inquérito tem como objectivo recolher informações para a realização de um trabalho de Mestrado em Ensino da Língua Portuguesa no ISCED-Huíla.

Os dados fornecidos são absolutamente confidenciais e anónimos. Serão, por isso, exclusivamente utilizados para fins de investigação científica. Pede-se-lhe, assim, que seja o mais rigoroso possível no seu preenchimento.

Agradece-se, desde já, o seu contributo!

#### **I – Dados pessoais**

- 1.1. Idade \_\_\_\_\_ 1.2. Sexo: Masculino  Feminino
- 1.3. Grau Académico: \_\_\_\_\_ 1.4. Tempo de serviço: \_\_\_\_\_
- 1.5. \_\_\_\_\_ Área \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ formação: \_\_\_\_\_

#### **II – Questões gerais**

2.1. Considera que:

		sim	não	não sei
a)	As aulas de português são auxiliadas por textos.			
b)	O texto literário tem importância para o ensino do português.			
c)	O programa de Língua Portuguesa da 11ª Classe recomenda textos literários.			
d)	O estudo do texto nas aulas inclui a análise do vocabulário.			
e)	O estudo tem em conta a forma fónica.			
f)	A análise vocabular inclui significado em função do contexto.			
g)	No ensino do vocabulário, a palavra não deve ser analisada fora do contexto da frase.			

### III – Percepções sobre o tratamento de neologismos nas aulas de Língua Portuguesa

- 3.1. Já ouviu falar de neologismo? Sim  Não
- 3.2. Já se deparou com neologismo durante o estudo de um texto? Sim  Não
- 3.3. O neologismo merece alguma atenção no estudo de textos? Sim  Não
- 3.4. O neologismo na literatura constitui expressividade? Sim  Não
- 3.5. O dicionário representa um meio indispensável no estudo do léxico? Sim  Não
- 3.6. O emprego, em textos literários, de palavras novas que se constituem empréstimos de outras línguas corrompem ou enriquecem a língua?
- Corrompem  Enriquecem
- 3.7. Qual é o critério fundamental que emprega para classificar uma palavra como neologismo?

---



---



---

3.8. Quando identifica um neologismo no texto literário...		Sim	Não	Não sei
a)	Diz aos alunos que é um erro/desvio.			
b)	Orienta os alunos a encontrarem sinónimos.			
c)	Diz aos alunos que é uma questão de expressividade.			
d)	Cria exercícios.			

3.9. O programa de Língua Portuguesa da 11ª Classe/Especialidade apresenta “neologismos” como um dos conteúdos. Orienta, entre outros, o texto literário.

- a) Que tratamento tem dado às diversas palavras que não fazem parte do dicionário?



## 11ª CLASSE

- ◆ COMUNICAÇÃO LÍNGUA e LINGUAGEM
  - ◆ TEXTO INFORMATIVO, UTILITÁRIO e OUTROS
  - ◆ TEXTO LITERÁRIO
  - ◆ FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA
- 

### AVALIAÇÃO

1. Observação directa de aspectos relacionados com:
  - 1.1. **a oralidade:**

respeito pelas normas das actividades propostas, fluência, expressividade, criatividade, espírito de iniciativa, espírito crítico; capacidade de análise, de síntese, e de improvisação; pertinência das perguntas formuladas; capacidade de recontar, resumir, declamar poemas, teatralizar situações e fazer comentários.
  - 1.2. **A leitura:**
    - 1.2.1. fluência, expressividade, respeito pela pontuação; criatividade, capacidade de concentração, de análise comparativa, de síntese, de reter informação e de seleccionar textos por assunto,
    - 1.2.2. capacidade de analisar textos narrativos, líricos e dramáticos nas vertentes inscritas no programa.
2. Observação sistematizada de aspectos relacionados com:
  - 2.1. **A escrita**
    - 2.1.1. capacidade de produzir e transformar textos, de redigir textos utilitários e informativos; capacidade de redigir textos narrativos.
    - 2.1.2. capacidade de análise e de síntese
  - 2.2. **O funcionamento da língua**
    - 2.2.1. correcção ortográfica,
    - 2.2.2. utilização correcta dos sinais de pontuação
    - 2.2.3. aplicação prática dos conteúdos inscritos no programa.

## OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

OUVIR / FALAR	LER	ESCREVER	FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Estabelecer a ordem cronológica e/ou lógica ao apresentar factos e ideias;</li> <li>▪ Consolidar conhecimentos relativamente à adequação comunicativa: formas de tratamento, registos de língua, entoação, organização das ideias;</li> <li>▪ Expressir-se com fluência;</li> <li>▪ Expressir apreciação ou depreciação relativamente aos enunciados orais produzidos;</li> <li>▪ Produzir comentários orais objetivos;</li> <li>▪ Produzir enunciados orais subjetivos;</li> <li>▪ Participar em debates;</li> <li>▪ Demonstrar espírito crítico ao analisar opiniões de outros;</li> <li>▪ Demonstrar espírito de síntese ao resumir acontecimentos ou experiências vividas/escritas por outros;</li> <li>▪ Aperceber-se das diferenças existentes entre o texto dramático e o narrativo através da observação de dramatizações realizadas e/ou observadas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Aprender o sentido global da mensagem;</li> <li>▪ Sintetizar o conteúdo;</li> <li>▪ Compreender a estrutura do texto;</li> <li>▪ Compreender a organização das ideias;</li> <li>▪ Aperceber-se da estrutura frásica;</li> <li>▪ Aperceber-se da evolução da Língua Portuguesa identificando arcaísmos, neologismos e estrangeirismos em textos vários;</li> <li>▪ Identificar situações de interferência das línguas nacionais no Português falado em Angola;</li> <li>▪ Identificar textos utilitários;</li> <li>▪ Identificar textos informativos;</li> <li>▪ Identificar em jornais e revistas textos: relacionados com determinados temas;</li> <li>▪ Aperceber-se das diferentes perspetivas de abordagem desses temas;</li> <li>▪ Identificar as características da bibliografia;</li> <li>▪ Consolidar conhecimentos relativamente às categorias da narrativa;</li> <li>▪ Determinar o estatuto do narrador em textos vários;</li> <li>▪ Distinguir personagens redondas de planas;</li> <li>▪ Identificar o espaço físico e o psicológico;</li> <li>▪ Identificar acção (ões) principal (ais) e secundária (s);</li> <li>▪ Consolidar conhecimentos relativamente as noções de versificação;</li> <li>▪ Identificar o soneto, a elegia e o hino;</li> <li>▪ Analisar o valor expressivo dos recursos estilísticos;</li> <li>▪ Identificar as categorias do texto dramático;</li> <li>▪ Identificar as modalidades do texto dramático.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Redigir textos utilitários;</li> <li>▪ Redigir textos informativos;</li> <li>▪ Reproduzir excertos;</li> <li>▪ Redigir textos narrativos;</li> <li>▪ Produzir textos poéticos;</li> <li>▪ Demonstrar espírito de síntese ao resumir acontecimentos ou experiências vividas/escritas por outros;</li> <li>▪ Aperceber-se da diferença entre textos dramáticos e narrativos, através da adaptação de textos narrativos a textos dramáticos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Aplicar, na prática, os conteúdos inscritos no programa.</li> </ul>

PROGRAMA DA ESPECIALIDADE

11ª CLASSE OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

## Comunicação Língua e Linguagem

CONTEÚDOS	PROCESSOS DE OPERACIONALIZAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Tipos de comunicação:               <ul style="list-style-type: none"> <li>* unilateral;</li> <li>* bilateral.</li> </ul> </li>   <li>▪ Os meios de comunicação social como meios de difusão:               <ul style="list-style-type: none"> <li>* o jornal;</li> <li>* a televisão;</li> <li>* a rádio.</li> </ul> </li> <li>▪ Funções dos meios de comunicação</li>   <li>▪ Registos de Língua:               <ul style="list-style-type: none"> <li>* registos especiais                   <ul style="list-style-type: none"> <li>* popular;</li> <li>* gíria;</li> <li>* calão;</li> <li>* técnico-científico</li> </ul> </li> </ul> </li> <li>▪ A origem da Língua Portuguesa sua evolução:               <ul style="list-style-type: none"> <li>* Arcaísmos;</li> <li>* neologismos;</li> <li>* estrangeirismos;</li> <li>monolinguismo / bilinguismo;</li> <li>* interferências</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar diferentes situações de comunicação, por meio de exemplos dados.</li>   <li>• Classificar jornais.</li> <li>• Recolher textos em jornais e revistas relacionados com um determinado tema.</li> <li>• Comparar as diferentes perspectivas de abordagem de um mesmo tema.</li> <li>• Comentar programas televisivos e radiofónicos.</li> <li>• Analisar criticamente grelhas de programação televisiva.</li> <li>• Debater as funções dos meios de comunicação social.</li> <li>• Identificar os diferentes registos de língua.</li>   <li>• Produzir e transformar textos utilizando registos especiais.</li>   <li>• Consultar e analisar documentos sobre a origem da Língua Portuguesa e a sua evolução.</li> <li>• Fazer o levantamento de arcaísmos, neologismos e estrangeirismos em textos variados.</li> <li>• Debater a situação linguística em Angola - monolinguismo/bilinguismo - prós e contras.</li> <li>• Identificar situações de interferência das línguas nacionais no Português falado em Angola.</li> </ul>

## Texto Informativo e Utilitário

CONTEÚDOS	PROCESSOS DE OPERACIONALIZAÇÃO
<p style="text-align: center;"><b><u>O Texto Utilitário</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• a carta oficial</li> <li>• o inquérito</li> <li>• o relatório</li> </ul> <p style="text-align: center;"><b><u>O Texto Informativo</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• a notícia</li> <li>• a lista bibliográfica</li> </ul> <p style="text-align: center;"><b><u>Outros tipos Textos</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• o texto jornalísticos               <ul style="list-style-type: none"> <li>* a crónica</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fazer leitura de textos para compreender:               <ul style="list-style-type: none"> <li>* a organização das ideias;</li> <li>* o sentido global da mensagem;</li> <li>* a adequação comunicativa.</li> </ul> </li>   <li>• Ler e interpretar textos informativos e utilitários.</li> <li>• Redigir cartas oficiais.</li> <li>• Comparar cartas de natureza diversa.</li>   <li>• Recolher notícias subordinadas a um tema para constituição de um dossier de imprensa.</li> <li>• Redigir notícias.</li> <li>• Identificar as características de uma bibliografia.</li> <li>• Organizar listas bibliográficas.</li>   <li>• Ler e Redigir crónicas.</li> </ul>

## O Texto Literário

CONTEÚDOS	PROCESSOS DE OPERACIONALIZAÇÃO
<p><b><u>O Texto Narrativo</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ O conto - o conto tradicional.</li> <li>▪ A lenda.</li> <li>▪ A adivinha</li> <li>▪ O provérbio</li> <li>• narrador: <ul style="list-style-type: none"> <li>• modo</li> <li>• voz</li> <li>• participação;</li> <li>• focalização</li> </ul> </li> <li>• personagem: <ul style="list-style-type: none"> <li>• redondas;</li> <li>• planas</li> </ul> </li> <li>• espaço: <ul style="list-style-type: none"> <li>• físico;</li> <li>• psicológico</li> </ul> </li> <li>• acção <ul style="list-style-type: none"> <li>• principal;</li> <li>• secundária</li> </ul> </li> </ul> <p><b><u>O Texto Lírico</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Noções gerais de versificação:</li> <li>• métrica <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Estruturas poéticas fixas,</li> </ul> </li> <li>• soneto;</li> <li>• elegia;</li> <li>• hino <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Recursos estilísticos:</li> </ul> </li> <li>• anáfora;</li> <li>• aliteração;</li> <li>• inversão</li> </ul> <p><b><u>O Texto Dramático / Texto Teatral</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Categorias do texto dramático: acção, personagem, espaço</li> <li>▪ Modalidades do texto dramático: discurso dramático, indicações cénicas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Recontar oralmente.</li> <li>▪ Fazer comentários orais.</li> <li>▪ Resumir oralmente e por escrito contos e lendas.</li> <li>▪ Relatar acontecimentos oralmente e por escrito contos e lendas.</li> <li>▪ Recolher provérbios e adivinhas regionais para constituir dossier cultural</li> <li>▪ Ler e interpretar provérbios e adivinhas.</li> <li>▪ Decifrar adivinhas da região.</li> <li>▪ Criar histórias a partir da adaptação de provérbios</li> <li>▪ Identificar o conto tradicional.</li> <li>▪ Identificar a lenda.</li> <li>▪ Ler e interpretar lendas.</li> <li>▪ Analisar a lenda quanto à sua intencionalidade.</li> <li>▪ Ler e interpretar textos recreativos.</li> <li>▪ Relacionar textos de culturas diferentes e tema idêntico.</li> <li>▪ Determinar o estatuto do narrador em textos vários.</li> <li>▪ Distinguir personagens redondas de planas.</li> <li>▪ Construir, por escrito, retratos físicos/psicológicos de personagens de uma narrativa.</li> <li>▪ Identificar o espaço físico e o psicológico.</li> <li>▪ Identificar a acção principal e a secundária.</li> <li>▪ Recolher produções da tradição oral para a constituição de dossier.</li> <li>▪ Memorizar e declamar poemas.</li> <li>▪ Ler textos poéticos.</li> <li>▪ Analisar e interpretar textos poéticos.</li> <li>▪ Identificar o soneto, a elegia e o hino.</li> <li>▪ Identificar as afinidades semânticas entre dois ou mais textos.</li> <li>▪ Reconstruir poemas a partir de versos desordenados.</li> <li>▪ Completar por escrito poemas já iniciados.</li> <li>▪ Estabelecer relações entre poemas quanto à mensagem.</li> <li>▪ Produzir textos poéticos</li> <li>▪ Fazer o levantamento de recursos estilísticos.</li> <li>▪ Identificar diferentes recursos estilísticos.</li> <li>▪ Analisar o seu valor expressivo.</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Praticar a leitura dialogada e expressiva.</li> <li>▪ Praticar a leitura dramatizada.</li> <li>▪ Dramatizar textos.</li> <li>▪ Representar peças de teatro.</li> <li>▪ Ler e interpretar textos dramáticos.</li> <li>▪ Transformar textos dramáticos em narrativos.</li> <li>▪ Identificar as categorias do texto dramático.</li> <li>▪ Identificar as modalidades do texto dramático.</li> </ul>

## Funcionamento da Língua

CONTEÚDOS	PROCESSOS DE OPERACIONALIZAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Processos morfológicos de formação de palavras,               <ul style="list-style-type: none"> <li>• derivação;</li> <li>• composição;</li> <li>• siglas e abreviaturas</li> </ul> </li>   <li>▪ Frases complexas               <ul style="list-style-type: none"> <li>• coordenação;</li> <li>• orações relativas adjectivas</li> </ul> </li>   <li>▪ O Pronome Relativo</li>   <li>▪ Verbos irregulares</li>   <li>▪ Conjugação perifrástica.</li>   <li>▪ Conjugação pronominal-               <ul style="list-style-type: none"> <li>• reflexa;</li> <li>• recíproca</li> </ul> </li> <li>▪ Voz activa e passiva.</li>   <li>▪ Discurso directo e indirecto (consolidação).</li> <li>▪ Discurso indirecto livre.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Identificar palavras compostas e derivadas.</li> <li>▪ Formar palavras a partir da palavra primitiva.</li> <li>▪ Deduzir o significado de palavras através da sua decomposição.</li>   <li>▪ Identificar siglas e abreviaturas.</li>   <li>▪ Proceder à análise sintáctica de frases complexas.</li> <li>▪ Identificar os elementos de coordenação.</li> <li>▪ Transformar e expandir frases.</li>   <li>▪ Empregar o pronome relativo e mencionar a sua função sintáctica.</li> <li>▪ Substituir o nome pelo respectivo pronome na frase.</li> <li>▪ Transformar duas frases simples numa complexa, empregando o pronome relativo.</li> <li>▪ Flexionar verbos irregulares.</li>   <li>▪ Identificar a conjugação perifrástica.</li> <li>▪ Transformar frases utilizando a conjugação perifrástica.</li> <li>▪ Identificar a conjugação pronominal, a conjugação pronominal reflexa e a conjugação pronominal recíproca.</li>   <li>▪ Identificar a voz activa e a passiva.</li> <li>▪ Passar frases da voz activa para a passiva e vice versa.</li> <li>▪ Passar textos do discurso directo para o indirecto e vice versa.</li>   <li>▪ Identificar o discurso indirecto livre.</li> </ul>